

PENTAGRAMA

A revista Pentagrama propõe-se a atrair a atenção dos leitores para a nova era que começou para o desenvolvimento da humanidade.

O pentagrama sempre foi, em todos os tempos, o símbolo do homem renascido, do novo homem. Também é o símbolo do universo e de seu eterno devir, por meio do qual acontece a manifestação do plano divino.

Entretanto, um símbolo apenas tem valor quando se torna realidade. O homem que realiza o pentagrama em seu microcosmo, em seu próprio pequeno mundo, permanece no caminho de transfiguração.

A revista Pentagrama convida o leitor para operar esta revolução espiritual em si mesmo.

ÍNDICE:

- 2 INTRODUÇÃO
- 4 A PEDRA DE TOQUE
BRANCA
- 5 QUAL É A ESTRUTURA
INTERIOR DO MUNDO?
- 11 ORIGEM E UTILIZAÇÃO
DOS SÍMBOLOS
- 16 ÁRVORE:
SÍMBOLO UNIVERSAL
- 20 SÍMBOLOS E
MAGIA
- 24 FIGURAS GEOMÉTRICAS,
SÍMBOLOS DE EVOLUÇÃO
ESPIRITUAL
- 34 A LINGUAGEM: UM SÍMBOLO
INFINITAMENTE VARIÁVEL
- 36 CONVIVENDO
COM SÍMBOLOS
- 38 HOMEM E MULHER,
SÍMBOLOS BÍBLICOS

1996
ANO 18
NÚMERO 2

INTRODUÇÃO

Os símbolos sempre tiveram algo de misterioso. São sinais que, por um lado, dizem respeito a religiões e civilizações antigas das quais nem sempre conhecemos o grau de elevação e que, por outro lado, guiam nossa vida cotidiana como simples indicações.

Estes ideogramas, como são chamados, às vezes vêm de antigos sinais, mas muitas vezes também são desenhados por seu autor para transmitir conceitos e idéias novas, de tal modo que possam ir servindo pouco a pouco para o mundo inteiro. Os antigos signos astrológicos dos planetas são um exemplo: eles estão na base da vasta panóplia de signos empregados em toda a parte pelas ciências. O mesmo acontece no circuito comercial. Os signos que estimulam o instinto de posse e de prazer são universais, como: personagens bebendo ou comendo, um cartão bancário no caixa automático ou uma flecha em uma placa, indicando a direção a seguir.

Chegamos a uma época em que a transmissão de conhecimentos acontece por meio de signos originários do ciclo solar, como os signos do Livro de Dzyan (cf. “A Doutrina Secreta”, de Helena Blavatsky, Primeira Parte), os signos da Tábuca Esmeraldina, de Hermes Trismegisto, e os que estão desenhados nas cavernas dos cátaros, no Sul da França. Estes signos simbolizam algumas etapas que se relacionam com a evolução da humanidade no cosmo. Para quem os compreende, eles explicam todo o processo, representado por alguns traços gráficos. O círculo simboliza Deus, que tudo contém e tudo sustenta; a cruz representa a descida da luz ao mundo das trevas; o triângulo, a trindade das forças agentes que emanam

do Deus único. À medida em que os sentidos, e portanto a consciência e a compreensão se desenvolviam, os sinais de transmissão do conhecimento iam tornando-se mais complexos. A assistência oferecida à humanidade, tanto hoje como antigamente, situa-se em dois níveis: espiritual e material. A estrela de cinco pontas — o pentagrama — é o sinal dos Mistérios, mas também é utilizado no sentido contrário.

É aí que se situa a “compreensão” dos símbolos. Cada um pode interpretá-los conforme sua consciência, o que não quer dizer que esta interpretação corresponda ao sentido original.

Vivemos em um tempo em que o interesse pelos símbolos está crescendo cada vez mais; por um lado, por uma necessidade espiritual de descobrir a origem das coisas; por outro, para reduzir a complexidade de nossa sociedade com elementos de fácil compreensão.

Neste número da revista Pentagrama, nossa intenção é examinar o conceito “símbolo” e tudo o que decorre deste conceito (“a simbologia”) na esperança de que nossos leitores possam perceber claramente que existe uma grande distinção a ser feita entre o significado espiritual e material de um símbolo.

Geodo,
pedra oca
contendo um
pentagrama
formado
naturalmente
(Foto
Pentagrama).

A REDAÇÃO



A PEDRA DE TOQUE BRANCA

A Pedra branca é um símbolo simples, claro, atemporal e puro do caminho de transfiguração. A cor branca é o som puro, eterno, a voz do silêncio, o desaparecimento e a morte total da velha natureza ego-cêntrica em que o homem original pode ressuscitar.

O homem nasceu para exaltar as obras de Deus e delas dar testemunho através de si mesmo. Com esta finalidade, ele recebe um poderoso auxílio destinado unicamente ao desenvolvimento do “homem verdadeiro”, que está aprisionado dentro do homem natural. Neste processo, a alma é profundamente importante. A animação de uma natureza supra-orgânica eleva aquele que busca a Deus com seriedade muito acima de seu estado de nascimento natural, e pode transformá-lo em um ser humano divino que respira o Alento Divino, o Pneuma da Nova Aliança.

O amor de Deus sempre se manifesta em primeiro lugar em sua totalidade.

Este amor divino está ligado ao coração, ao centro do templo espiritual, e a todos os que são chamados para protegê-lo. Para que o amor divino possa agir efetivamente, é preciso expandi-lo. É preciso fazer com que ele seja conhecido, estabelecê-lo dentro do tempo. Sem este milagroso poder magnético, não poderíamos completar este trabalho. Um dia, todos os seres humanos acabarão compreendendo de onde caíram, de que tipo de contato se privaram, e de que tipo de força pura já não podem servir-se. A senda da transfiguração, vivificada pela Rosacruz Áurea, coloca o buscador diante da alma eterna, imprecívvel, e diante do crescimento, dentro dele, do homem-alma-espírito, vivo e imortal. Quem quiser cumprir esta senda, transforma-se e recebe a Pedra de toque branca. Assim, passa a ser um homem excepcional, purificado pelo amor divino. A Pedra de toque branca deve refletir o amor divino que se manifesta dentro dele, e deste modo formar a pedra angular sobre a qual o homem-alma-espírito tem a possibilidade de elevar-se até a eternidade.



Cubo de mármore, na entrada do Templo de Renova (Foto Pentagrama).

QUAL É A ESTRUTURA INTERIOR DO MUNDO?

Desde sua origem, o homem tenta conhecer e compreender os processos da natureza na qual ele vive e à qual ele está submetido. Ele estuda os ritmos e as leis da natureza, não somente para utilizá-la para suas próprias finalidades, mas também para atingir a sabedoria absoluta por meio da pesquisa e da experimentação, “para descobrir a estrutura interior do mundo” (Goethe, 1749-1832).

Com o passar do tempo, a pesquisa atingiu diversos picos; mas vastos domínios do conhecimento também se perderam e tiveram de ser reconquistados com grande esforço nos períodos culturais que se seguiram, quando isto foi possível. Os buscadores tentavam ler o *Librum Naturæ*, tanto o grande quanto o pequeno. Este Livro da Natureza é expressado, entre outras coisas, pelas forças eletromagnéticas, pela luz, pela cor, pelo calor, pela coesão, pelo som, pelo ritmo e pelo movimento; em resumo: pela vida. Os antigos falavam da harmonia das estrelas, criação surgida do caos, do não-manifestado.

PERSCEPÇÃO DOS SONS INAUDÍVEIS

Johannes Kepler, que nasceu em 1517, perto de Weil der Stadt, próxima a Calw, no Sul da Alemanha, trabalhava em Praga como matemático e astrônomo na corte do rei Rudolf II. Ele fez uma descrição exata do siste-

ma heliocêntrico, formulado pela primeira vez desde a antigüidade por Copérnico (1473-1543). Em seu livro *De Harmonice Mundi*, Kepler define o conceito de harmonia como “a consonância ordenada dos corpos celestes”. Pitágoras, como sabemos, chamava os sons emitidos pelos corpos celestes em movimento de “harmonia das esferas”, sons não audíveis pelos mortais. Ora, é possível torná-los perceptíveis, evidenciar vibração, som e cor com o auxílio de conceitos como o de frequência e o de oitava.

A frequência é o número de repetições de um fenômeno periódico que se produz em um tempo determinado. A unidade é o hertz: um hertz equivale a uma vibração por segundo. Foi decretado em 1939 que o diapasão que vibra um *la* normal (o quarto *la* do piano) seria capaz de fazer-nos ouvir uma vibração de 440 Hz (que portanto seria animado de um movimento de 440 “oscilações” por segundo). Na Europa, no continente europeu, o quarto *la* era equivalente a 435 Hz para a música de câmara e de orquestra em Paris. Na Inglaterra, o limite seria de 432 Hz. Para conseguir maior harmonia, os músicos afinam freqüentemente seus instrumentos o mais alto possível, sendo que algumas orquestras chegam a subir até 445 Hz.

A oitava é a escala de oito notas com sete intervalos (ou tons) que formam uma seqüência considerada “natural” (na escala diatônica). Na Grécia antiga, esta seqüência era chamada de harmonia na teoria musical (*Phylolaos*). Em um violino ou em um violão, a oitava do som dada por uma corda inteira é obtida dividindo-se o comprimento desta corda por dois: este é o primeiro harmônico deste som. Ela

Vers. 4 – Em verdade, antes de tudo e acima de tudo, realmente está Deus: o Eterno, o não-criado, o Criador de todas as coisas; O segundo, o mundo, é por ele formado segundo sua imagem, é por ele mantido e nutrido e dotado de imortalidade, visto que, emanado de um pai eterno, é, como ser imortal, possuidor de vida desde a eternidade.

Vers. 6. Da matéria que ele destinou a esse fim, o Pai formou o corpo do mundo; ele lhe concedeu a forma esférica e determinou as qualidades das espécies que o deveriam ornar, conferindo-lhe uma materialidade eterna, já que a substância material era divina.

Vers. 7 – O Pai, após ter disseminado na esfera as qualidades das espécies, encerrou-as como numa gruta, visto que ele quis ornar sua criação com todas as qualidades.

Vers. 8 – E envolveu o corpo inteiro da terra com imortalidade, a fim de que a matéria, desatando-se da força conectora do corpo, não voltasse ao caos, que lhe é próprio.

Vers. 9 – Porque, meu filho, quando a matéria ainda não havia sido formada num corpo, era não-ordenada. Ela mostra isto em certa medida mesmo aqui, pela faculdade do crescimento e do decrescimento, faculdade esta que os homens chamam de morte.

Vers. 10 – Esse desordenamento, essa volta ao caos, apresenta-se somente em criaturas terrestres. Pois os corpos dos seres celestes mantêm a ordem única que desde o princípio lhes foi concedida pelo Pai; e essa ordem é mantida indestrutível mediante o retorno de cada um deles ao estado de perfeição.

Vers. 11 – O retorno dos corpos terrestres ao seu estado anterior consiste na dissolução da força conectora, que volta aos corpos indissolúveis, isto é aos corpos imortais. Desta forma, surge a eliminação da consciência dos sentidos, mas não o aniquilamento dos corpos.

Modelo em metal do *Mysterium Cosmographicum*, Museu Kepler, em Weil der Stadt, Alemanha.



o sol passa pelo equador e quando a noite tem a mesma duração do dia.) No começo do cristianismo, a Páscoa, a festa da ressurreição, era celebrada no dia da lua cheia que se seguia ao início da primavera. Neste mesmo dia, os indianos celebravam uma festa, e os judeus celebravam sua Páscoa. Neste dia, o sol se põe com uma luz púrpura-dourada, a lua cheia sobe no lado leste. A terra fica no meio, banhada de luz. Para separar a festa cristã da tradição judaica, o Concílio de Nicéia, em 325 d.C., decretou que os cristãos celebrariam a Páscoa sempre no domingo seguinte da primeira lua cheia depois de 21 de março. Se a lua cheia caísse em 20 de março, a Páscoa seria celebrada em fim de abril. Este fato fez com que fosse esquecida a correlação existente entre a festa da ressurreição e a posição do sol no equinócio de primavera.

VERDE: ESTA É A COR DA TRAJETÓRIA DA TERRA EM TORNO DO SOL

Entre duas passagens no ponto ver-

nal passa-se um ano trópico de 365, 24219879 dias solares médios, o que equivale a 31.556.925,97 segundos. Transportando-se este número para frequências sonoras, o ritmo anual do sol, na 32ª oitava dá o *do* sustenido de 136,1 Hz e, na 33ª oitava, o dobro, ou seja o *do* sustenido de 272,2 Hz. Instrumentos como cítara e tamborim têm o *do* sustenido como base. A caixa de ressonância do violão também dá um *do* sustenido.

A 74ª oitava do ano trópico nos transporta ao domínio óptico: 598,6 THz (501 nanômetros). A frequência e o comprimento de onda correspondentes a ela dão uma cor verde. Esta cor se encontra na zona neutra do espectro, a zona indiferenciada da qual Goethe nos fala em sua *Teoria das Cores*. O verde também tem um lugar importante na doutrina gnóstica.

Segundo J. V. Andreæ, a Cidade do Sol, *Christianopolis*, está situada na ilha verde de Caphar Salama. No livro *A Rosacruz Áurea*², Catharose de Petri diz: “As sete cores do verde referem-se às atividades da fé e da esperança”. Jan van Rijckenborgh, no livro “O Advento

do Novo Homem”³ fala do “verde país da esperança”, e também lemos no Apocalipse de João (21:10, 11, 18): “E me transportou, em espírito, até uma grande e elevada montanha, e me mostrou a cidade santa, Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, a qual tem a glória de Deus. Seu fulgor era semelhante a uma pedra preciosíssima, como pedra de jaspe cristalina. A estrutura da muralha é de jaspe; também a cidade é de ouro puro, semelhante a vidro límpido”⁴.

MOVIMENTO DO EIXO DA TERRA

O terceiro movimento da terra tem como consequência a precessão dos equinócios. Durante um ano estelar, que equivale a aproximadamente 26.000 anos terrestres, o eixo da terra, animado por um movimento de pião, descreve um círculo completo. Por esta razão, o ponto vernal recua um grau a cada 72 anos em relação às estrelas fixas. Portanto, ele leva cerca de 2.160 anos para percorrer um signo do zodíaco, ou seja, a décima segunda parte de um ano estelar. Se transportarmos a frequência de um ano estelar para o domínio das frequências acústicas, atingiremos, na 48^a oitava, a nota *fa* de 344,12 Hz. Esta nota corresponde ao quarto *fa* do piano.

Podemos perguntar-nos agora se todos estes cálculos estão de acordo e se eles realmente são úteis para o buscador da verdade. Responderemos que os músicos tentam, ao menos intuitivamente, sintonizar com a harmonia cósmica das esferas. A diferença entre o quarto *la* e o quarto *sol* são apenas algumas dezenas de Hertz. Se medirmos o movimento da terra com relação às estrelas fixas, chegaremos a calcular um dia sideral de um ano sideral. O quarto *sol* de um dia sideral é de 389,42 Hz, aproximadamente 1,1 Hz a mais que o quarto *sol* de um dia médio do ano trópico!. Parece que o *la* normal (o quarto *la*) da música orquestral entre 435 e 445 Hz está quase sintonizado com a harmonia cósmica. Não pode-

mos dizer o mesmo do *la* no paroxismo do agudo sobre o qual são afinados os instrumentos da música pop, o jazz, a “eletrônica” etc. (480 Hz).

LIMITES DO CAMPO DE VIDA

Se transportarmos a vibração de um ano estelar até o domínio situado entre a 88^a e a 89^a oitava, então atingiremos os limites do visível. O limite inferior é vermelho (378 THz), o limite superior é violeta (756 THz). Pode-se dizer que um ano estelar engloba uma fase de desenvolvimento completa da terra. O vermelho representa uma atividade do pólo positivo, o violeta, uma poderosa atividade demolidora do pólo negativo. Já foi demonstrado cientificamente que a luz vermelha aumenta a atividade das enzimas, que são substâncias necessárias para o metabolismo biológico, enquanto que a luz violeta a reduz.

A GRANDE SINFONIA DO CRIADOR DO UNIVERSO

No livro *Confessio da Fraternidade da Rosacruz*⁵, Jan van Rijckenborgh escreve: “Se afastarmos o aspecto por vezes simplesmente exotérico, o conteúdo universal e ilimitado desse texto ressalta, e vemos estender-se, de um horizonte a outro, tal como uma vasta abóbada, o caminho resplandecente da verdade. Assim como o arco da promessa contém todas as cores visíveis e invisíveis, cores inerentes aos sons da harmonia das esferas, de maneira que não podemos falar somente de um espectro de cores, mas também de um espectro sonoro — lei contra a qual nenhum artista mágico pecará — assim o pesquisador que aplica a verdadeira chave dessa nítida sabedoria, libera uma onda de sabedoria tão poderosa, tão penetrante, que nos submerge”.

Graças à coesão das leis exteriores,

tanto a dos Dez Mandamentos como a da harmonia cósmica do universo manifestado, o homem é chamado a penetrar até a fonte original da vida. Cristo diz: “Eu não vim para abolir a lei, e sim para cumpri-la”. A lei exterior, como reflexo da harmonia divina, pode ser um símbolo, um guia para descobrir a lei interior.

“Todas as figuras e todos os encaideamentos de números, todas as combinações de sons harmoniosos, assim como a sintonia que reina no movimento dos astros, a manifestação individual destes elementos, assim como sua analogia, tudo isto deve tornar-se evidente para quem está buscando de maneira correta. O que dizemos se revela, portanto, claramente para aquele que, orientado puramente pelo Uno, esforça-se por tudo compreender; então, em verdade, a ligação de tudo o que acabamos de citar surge diante dele.” (Platão)

O ETERNO IMPULSO PARA A CRIAÇÃO

Através de todos estes elementos, a ponte que liga novamente a criação ao Criador do céu e da terra é bem perceptível; da mesma forma, no sétimo aspecto planetário, o plano em que nada é durável, onde a ordem, o caos e a harmonia se encontram e onde o homem pode experimentar e viver a mensagem de Deus. O Criador traçou com seu próprio dedo os caracteres da natureza, e o ser humano é impulsionado interiormente a meditar sobre estes caracteres. Cada um deve um dia aproximar-se do centro, do sol, de seu próprio sistema microcósmico, e penetrar nele.

ASSIM COMO É EM CIMA, É EM BAIXO; ASSIM COMO É DENTRO, É FORA

“Assim como é em cima é embaixo; assim como é no interior é no exterior.” Portanto, o homem está preparado para vivenciar o cosmos como um som da

grande sinfonia do Criador do universo. Este campo de vida, que se move ritmicamente e envolve todos os aspectos da matéria, da força, da alma e do Espírito, exorta e incita os humanos à regeneração. Jan van Rijckenborgh diz, na *Confessio*⁵: “Nós, de quem disseram que dirigiríamos a fria inteligência para a coisa suprema, sentimos como nosso saber culmina em sua convicção profundamente religiosa. Curvamos os joelhos diante da majestade de Deus, porque, após profunda sondagem, a intervenção divina se comprova em todos os reinos; porque experimentamos a força que impulsiona todas as coisas, a energia sublime que sustenta nosso planeta através do espaço, a Luz do Mundo: Cristo”.

Quem sente estas palavras no ímo de sua alma e a elas reage de maneira correta, vivencia a luz, o calor e o som. “São as três forças que fazem transfigurar a alma”, diz Jan van Rijckenborgh, “elas estão em harmonia com a palavra divina. Em seguida vem a coesão, a vida e o movimento. A manifestação de um novo corpo glorificado.”

Assim nossa “co-movimentação” não tem como finalidade a natureza exterior, nem sequer a lei exterior, ainda que não a desprezemos. Nossa “co-movimentação” é totalmente consagrada ao Espírito Sétuplo.

¹⁾ Jan van Rijckenborgh, *A Gnosis Egípcia*, Tomo 2, p. 288-289, 1986, 1ª edição.

²⁾ Catharose de Petri, *A Rosacruz Áurea*, p. 40, 1986, 2ª edição.

³⁾ Jan van Rijckenborgh, *O Advento do Novo Homem*, p. 34, 1988, 2ª edição.

⁴⁾ O jaspe é uma calcedônia colorida de verde pela ação dos óxidos.

⁵⁾ Jan van Rijckenborgh, *Confessio da Fraternidade da Rosacruz*, p. 53 e 64, 1987, 1ª edição.

ORIGEM E UTILIZAÇÃO DOS SÍMBOLOS

Em sua origem, o símbolo é um sinal hermético que marca a relação que existe entre o que está “em cima” e o que está “embaixo”. É o encontro entre dois mundos: o superior e o inferior, o plano exterior e o plano interior, o consciente e o inconsciente, a idéia e a aparência. Os antigos símbolos religiosos referiam-se à verdade e à senda que leva a ela.

Graças aos símbolos, podemos vivenciar conscientemente certas limitações e até mesmo ultrapassá-las, eventualmente. É por esta razão que eles são utilizados em todos os setores da vida: religioso, científico, artístico. São meios empregados com a finalidade de fazer com que os seres humanos tomem consciência de seus limites. E, se eles conhecem estes limites, então os símbolos podem ajudá-los a ultrapassá-los. “Assim como é em cima, é embaixo”: as estruturas que estão “embaixo” correspondem às que estão “em cima”, e daí resulta que o que está embaixo pode simbolizar o que está em cima.

A palavra “símbolo” vem do antigo verbo grego *symbolleîn*, que quer dizer “reaproximar”; portanto, um símbolo é a representação de um conceito ou de um processo ao qual a estrutura do símbolo se assemelha, por assim dizer. O conceito de símbolo era utilizado, entre outros, para indicar que duas metades de um anel ou de uma tábua, que haviam sido quebrados de propósito, agora estavam novamente reunidas. Mostrando esta metade, amigos, esposos, crianças, provavam que eram bastante ligados ou aparentados.

Este significado da palavra símbolo (união de dois elementos separados e entretanto aparentados) indica muito bem a reaproximação de duas coisas em um mesmo plano. É daí que vem o significado atual da palavra símbolo: assim, um símbolo indica que uma coisa inferior pode expressar uma coisa superior. Daí para a frente, o símbolo ultrapassa uma fronteira, tornando-a possível de ser reconhecida conscientemente.

Neste sentido, uma alegoria não é um símbolo, mas uma representação simbólica ou figurativa. Um conceito como “a justiça” é representado alegoricamente por uma mulher com os olhos vendados, segurando uma balança; ou pela “morte”, armada de uma foice. Nestes casos, servimo-nos de elementos de um todo que não são da mesma natureza, mas que exprimem a mesma idéia de diferentes maneiras. A alegoria não sugere a idéia de um limite decisivo que pode ser atingido e até mesmo ultrapassado.

SÍMBOLOS PSICOLÓGICOS

O significado de mundos ocultos por detrás dos símbolos depende do plano sobre o qual entramos em contato. Por exemplo, na zona fronteira entre o consciente e o inconsciente, ou entre o mundo da matéria e seu reflexo étérico no além, ou entre a natureza inferior e a natureza superior. Na primeira zona, trata-se de representações psicológicas que vêm do inconsciente e que estão em relação com a parte inconsciente e desconhecida da alma. São expressões de experiências interiores que podem ser percebidas pelos sentidos. Em psicologia, as profunde-

zas deste tipo de símbolos constituem os elos ativos entre as forças inconsciente da psique e a consciência. Os complexos individuais, assim como os coletivos, podem desempenhar um papel simbólico nas palavras, nas ações e nos sonhos.

Quanto a este ponto, os símbolos geralmente são considerados como instrumentos de compreensão do ser interior, assim como do mundo que o cerca. Forças da região astral inconsciente fazem nascer, em sonho, imagens que às vezes podemos reviver conscientemente depois de acordados. É possível que elas revelem em que “situação limite” nos encontramos, que mostrem a causa da pressão e a crise que ameaça. Seguindo este caminho, é possível que a tensão psicológica diminua e possamos receber indicações para um desenvolvimento mais equilibrado da personalidade. Mas isto também acarreta alguns perigos que não poderíamos enfrentar. Por exemplo, a projeção de um sentimento de culpa consciente sobre uma outra pessoa, que vai assim suportar o peso do erro que a pessoa culpada não quer tomar sobre si.

Neste caso, surge o grande perigo que ameaça quando um símbolo é considerado a própria realidade. É um perigo inevitável quando estamos vivenciando o limite, sobretudo quando nos aproximamos da fronteira entre o consciente e o inconsciente, o mundo da matéria e o mundo dos mortos, a natureza mortal e a natureza imortal.

Carl Gustav Jung deplora esta situação perigosa: “Desde o momento em que nossos símbolos mais sublimes foram embaciados, há uma vida desconhecida e secreta no inconsciente do homem. É por esta razão que a psicologia existe em nossos dias, e que falamos a respeito do inconsciente. Se estes símbolos tivessem permanecido dinâmicos e ativos, isto não seria necessário, pois estes símbolos nascem do espírito que vem de cima”.

OS SÍMBOLOS GNÓSTICOS

Qual é o significado, ainda em nossa época, destes símbolos sublimes sobre os quais fala Jung, uma vez que eles já não indicam claramente o “sublime” que ficou em segundo plano, isto é, Deus, a Gnosis?

Enquanto fatos e situações concretas podem ser explicados com toda a exatidão por conceitos e definições, a superabundância e a profundidade infinita da realidade divina pluridimensional são expressas por símbolos.

Além disso, o homem terrestre tem a possibilidade de aproximar-se do mundo que está por trás de tudo. Estes símbolos somente podem representar a existência de uma realidade estranha à consciência humana comum, e portanto inacessível.

Assim o símbolo cria um laço entre Deus e a personalidade, graças ao qual podemos elevar-nos acima de nossas próprias limitações. O símbolo evoca a força potencial irredutível que encerra o divino, mas que jamais se expressa na matéria. Graças a esta ligação com o divino, a simbologia gnóstica transcende este mundo perecível, mesmo que este mundo possa ainda comportar aspectos válidos, bons e verdadeiros. Por exemplo: uma pedra talhada se esfacela, mas Cristo, a pedra angular simbólica sobre a qual o santo microcosmo se edifica, é inalterável.

OS SÍMBOLOS MAIS SUBLIMES SÃO REVELAÇÕES

Como os símbolos gnósticos puros chegam até este mundo? Seriam um produto da fantasia humana? Ou seriam revelações divinas, ilustrações de princípios e processos da inviolável criação original?

Esta questão provocou discussões veementes e muitas guerras no decorrer da história da humanidade e ainda

continua bastante atual. Conforme o que já foi citado, podemos concluir que a simbologia gnóstica pura provém de revelações da Gnosis e que qualquer outra simbologia é um produto da consciência humana. Os símbolos mais antigos provêm da fonte universal de sabedoria, e estão sintonizados com o núcleo latente da sabedoria que está presente no coração humano. Eles se elevam acima de toda a explicação egocêntrica e psicológica. A frase: “O Reino do Céu está dentro de vós” expressa que “Céu” ou “Deus” não são ficções psicológicas, mas sim que a porta de acesso à realidade divina se encontra no próprio centro do ser humano. É exatamente pela ligação que existe entre a realidade divina e o centro divino no homem que se manifestam todas as revelações e todos os símbolos gnósticos no mundo mortal. É esta ligação que designam as palavras de Cristo: “O Pai e eu somos um”.

Assim a divindade responde ao espírito, o espírito à inteligência, a inteligência à vontade, a vontade à representação, a representação ao poder de percepção, o poder de percepção ao sentido e enfim o sentido ao objeto. Pois tal é a relação e a ligação recíproca pela qual todas as coisas do alto enviam raios através de todas as coisas de baixo, sem descontinuidade, até a última.

Este texto é uma citação de uma obra alquímica do século XVII que mostra claramente que os símbolos gnósticos têm diferentes funções:

- a revelação da natureza superior na natureza inferior;
- o apelo ao retorno à realidade divina;
- a resposta do homem a este convite, a realização progressiva de todos os seus esforços para estudar a manifestação e a imagem que ele faz dela.

É por isso que muitos símbolos e representações simbólicas dão testemunho do amor divino, da busca do homem por Deus e da busca de Deus pelo homem.

A PORTA ENTRE O TEMPO E A ETERNIDADE

Portanto, um símbolo gnóstico não é tanto um símbolo da Verdade ou uma informação que diz respeito a esta Verdade, mas sim uma porta entre o tempo e a eternidade, entre a origem e o fim. Um símbolo como este não ultrapassa o limite em si; é o homem mesmo que deve ultrapassar este limite, rumo à realidade que se acha por detrás dele. Todo o símbolo universal irradiado conscientemente pelos servidores na vinha de Deus no mundo mortal sob forma de palavras e imagens (e principalmente pelo exemplo de sua própria vida) é um chamado para voltar.

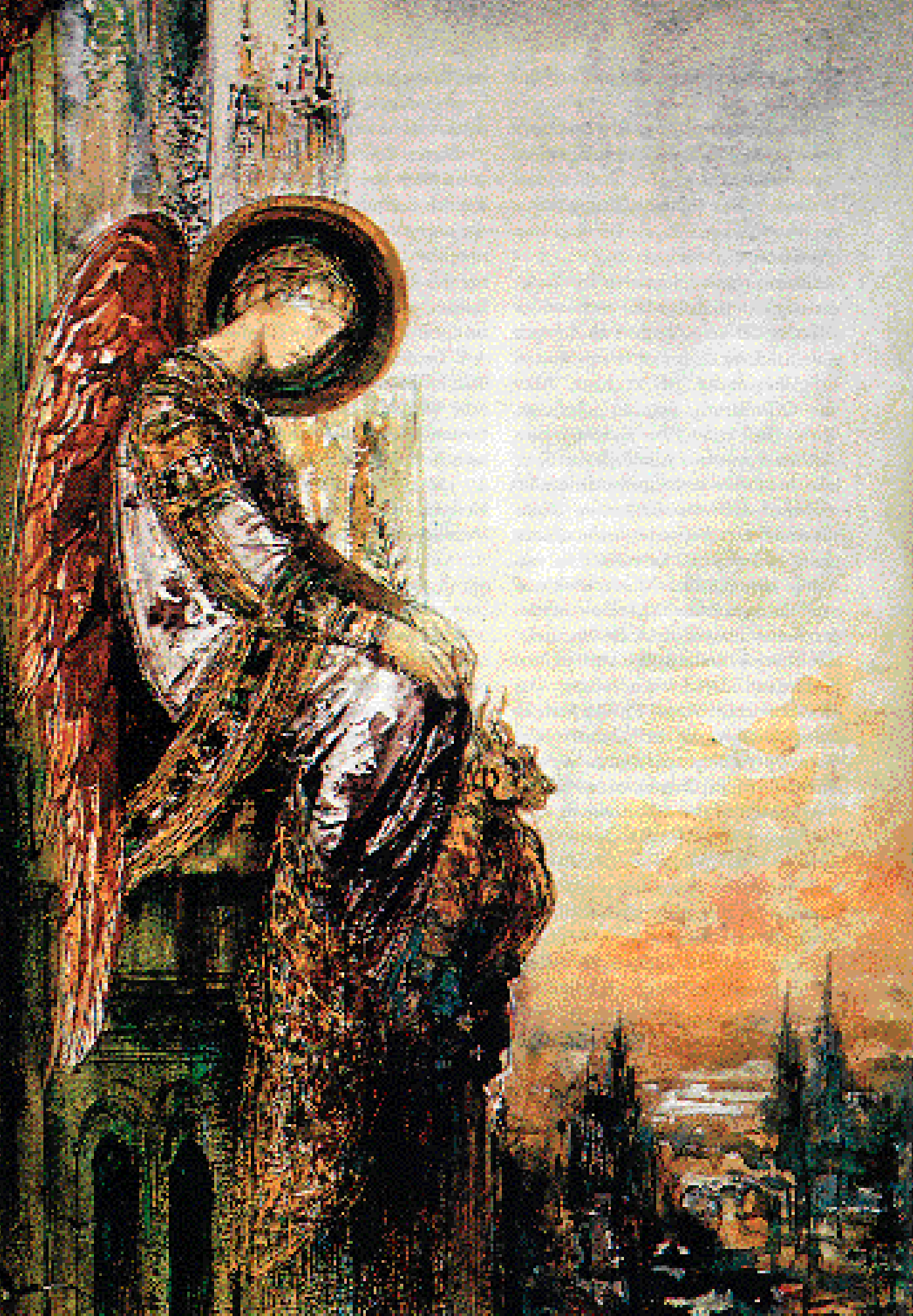
Este símbolo não é somente uma mensagem espiritual ligada à vida divina, mas também a força que desce do campo de vida original. Assim, a humanidade recebe auxílio para descobrir a verdade manifesta, compreendê-la e transformá-la em uma realidade vivente.

Os símbolos gnósticos são, portanto, passarelas entre a verdade relativa ao homem e a verdade imperecível de Cristo. Paulo escreve (Epístola aos Colossenses 1: 15, 17, 19, 20): “O qual é a imagem do Deus invisível, ... nele, todas as coisas foram criadas.. porque foi do agrado do Pai que toda plenitude nele habitasse ... tanto as que estão na terra como as que estão nos céus”.

“O Verbo (a Palavra) se fez carne. Em Cristo, o homem é novamente um instrumento do mundo divino. Cristo ‘derrubou o muro de separação entre os dois. Entre o homem terrestre e o homem divino’” (Efésios, 2, 14).

O ENCORAJAMENTO DOS SÍMBOLOS

Como os símbolos gnósticos possuem um alto nível, é compreensível que Carl Gustav Jung tenha deplorado o fato de que nossa época tenha-se tornado tão pouca receptiva a eles. Quanto mais o ser humano se deixa aprisio-



nar pela corrente técnico-econômica da atualidade, mais vai perdendo a consciência de seu espaço interior. Ele julga os símbolos a partir de critérios exteriores, como uma criança que estende a mão em direção à lua, porque não tem consciência da distância. Mas, se compreendermos que tudo o que manifesta um símbolo gnóstico diz respeito diretamente a nosso mais profundo ser interior, então surge uma outra relação com o mundo original. A vida muda de direção: ela torna o ser humano consciente de tudo o que sua existência tem de infinito e o leva ao autoconhecimento; portanto, logicamente, a atos que estão em concordância, e a um comportamento resolutamente direcionado a partir de sua vida interior.

Então, este homem torna-se consciente da existência de Deus dentro de si, e que este “Outro” dentro dele somente ressuscita pela morte de seu

eu. Quem não aproveita as possibilidades oferecidas pelo símbolo gnóstico na senda da realização, não faz frutificar os talentos que ele possui e os enfraquece. Neste caso, falta a inspiração e a coragem que este símbolo sublime irradia no coração daquele que se encontra realmente na senda, rumo a Deus.

Os símbolos gnósticos geralmente são como que um espelho embaçado, para nossa consciência terrestre. Entretanto, eles nos são ofertados para que possamos cumprir nosso verdadeiro destino: voltar a Deus.

* Carl Gustav Jung, Von den Wurzeln des Bewusstseins

Helena P. Blavatsky, *A Doutrina Secreta*:

“Antes de nos voltarmos para as verdades esotéricas, e a fim de que estas últimas não possam ser corrompidas, precisamos primeiro desenterrar a idéia fundamental que está na raiz das religiões exotéricas. Além disso, todos os símbolos de todas as religiões naturais podem ser lidos esotericamente, e a prova de uma leitura precisa por sua transposição em números e figuras geométricas correspondentes é dada pela extraordinária concordância de todos os glifos e símbolos, por mais diferentes que eles sejam exteriormente uns dos outros”.

O Anjo,
guardião e
mensageiro.
(Gustave Moreau,
1826-1898. Museu
Gustave Moreau,
Paris.)

ÁRVORE: SÍMBOLO UNIVERSAL

No decorrer da história da humanidade, a árvore sempre surgiu como um símbolo importante. Mitos, tradições religiosas e obras de arte mostram seus inúmeros aspectos, reportando de maneira característica importantes evoluções da vida terrestre.

Na Bíblia, o homem e a árvore sempre estão associados para mostrar a relação entre o cosmos e a vida sobre a terra: a árvore da vida, a árvore do conhecimento do bem e do mal, a cruz de Cristo, a árvore do Apocalipse. Vemos que este símbolo é utilizado e explicado em diversos níveis.

Antes de tudo, a árvore é o poderoso representante do reino vegetal que mostra o poder e a força da vida da natureza. É uma imagem primordial que chama a atenção não somente por sua forma e beleza, mas também pelas forças da natureza que operam nela invisivelmente. Enraizada dentro da terra, ela aspira as águas de suas profundezas. Seus galhos recebem luz e calor do sol. Ela participa do jogo dos elementos e, graças a eles, ela cresce, floresce e se carrega de frutos. As condições climáticas combinadas com o efeitos das estações do ano determinam sua espécie e seu aspecto.

A árvore é, portanto, um símbolo adaptado pela lei à qual todas as vidas estão submetidas: nascimento, crescimento, florescimento e fenecimento. Ela reflete a curta vida do ser humano e o ciclo ao qual ele está submetido: nascimento, crescimento, maturidade, fecundidade, morte. Mas, para aquele que é receptivo a ela, a árvore também pode indicar uma realidade totalmente dife-

rente. Uma árvore que sobe bem alto parece ligar a terra ao céu; neste caso, ela é a imagem das forças que se elevam e descem, o símbolo do encontro entre o celeste e o terrestre. Todas estas forças que se juntam para se elevar ilustram o desejo do terrestre de atingir o celeste, e a vitória da vida imperecível sobre a morte e a instabilidade. Através dos séculos, a árvore tornou-se o símbolo do ideal e muitas vezes de ideais terrestres como a árvore da liberdade da Revolução Francesa, a árvore da paz entre os indianos, e a árvore de maio. Alguns grupos ecológicos falam da “árvore-irmã” para representar uma ordem mundial em que o homem e a natureza estariam novamente unidos.

ÁRVORES MENSAGEIRAS DE LUZ

Alguns povos consideravam a árvore uma “morada dos deuses”. Geralmente, eles não a adoravam como árvore, mas pelo deus que ela representava. Na Grécia, por exemplo, o poder curativo e purificador do loureiro era associado a Apolo. Na mitologia germânica, a tília é o emblema de Freya, a deusa do amor e da fertilidade. Muitas vezes, as árvores marcam o lugar de nascimento dos deuses. Assim, o deus frígio Atis teria nascido de uma amendoeira, e o deus egípcio Horus, de uma acácia.

As árvores também são consideradas mensageiras divinas: “A árvore do mundo” é sempre verde. Os germânicos a chamavam Igdrasil, “o freixo do mundo”. Debaixo desta árvore corria a fonte da terra e em sua copa morava a águia, o pássaro dos deuses. Igdrasil é o símbolo do cosmo, onde habitam Deus, os homens e os gigantes (os homens que



se tornaram grandes espiritualmente). Em sua sombra, permanecem o bem e o mal, a luta sem fim de um contra o outro. A águia que mora nesta árvore é o símbolo luminoso do Espírito que quer elevar-se rumo às alturas da verdadeira vida.

Os antigos mistérios e os contos de fada que provêm deles, falam de árvores da vida, de jardins, de fontes celestes onde se pode tomar a água da vida. A mitologia cristã também utiliza o símbolo da árvore. As árvores do jardim do Éden evocadas na Bíblia já são mencionadas pelas tradições da Mesopotâmia, onde elas são rodeadas de riachos que jorram de fontes.

Como os sumérios eram agricultores, a água era para eles uma necessidade vital e a associação entre a água da vida e a árvore da vida era para eles extremamente natural. Hoje, pesquisas e experiências mostram a relação entre o sol, o mundo vegetal, a água, a terra e o homem. Os sumérios (4000 a 2000 a.C.) achavam que estes processos naturais eram o resultado da ação dos deuses. Até onde fosse necessário, os sacerdotes transmitiam estes conceitos por intermédio dos Mistérios àqueles que deles eram dignos. Portanto, era importante compreender que, assim como as plantas têm necessidade de água para crescer e florescer, o homem tem necessidade da água da vida espiritual para desenvolver-se e tornar-se um homem de verdade, capaz de cumprir seu

verdadeiro destino.

DESENVOLVIMENTO E RETORNO DO HOMEM

Na narração da criação da Gênese, o destino da humanidade está estreitamente ligado à árvore da vida e à árvore do conhecimento do bem e do mal. O primeiro se encontra “no meio do jardim” (Gênese, 2: 4), e representa o alimento espiritual que o ser humano absorve, quando vive do Espírito. Entretanto, quando ele se afastou do Espírito por sua livre e espontânea vontade pessoal, ele sofreu a influência dialética das forças terrestres: a maldição do bem e do mal, assim como de todas as forças contrárias associadas. Ele apenas se liberará desta dualidade se lembrar-se de sua natureza original e aspirar a voltar para a harmonia do campo de vida divino. Ora, trata-se de um longo desenvolvimento. A volta ao mundo do Espírito significa para o homem a morte de seu ser terrestre natural, um processo que simboliza a cruz pela qual ele cumpre seu sacrifício, imitando a Cristo.

Para um gnóstico, a cruz está sempre associada à árvore, à árvore do mundo. Ela lembra o sacrifício de Odin, que lhe faz adquirir a sabedoria. A cruz é, portanto, o símbolo da ressurreição e da vitória sobre o mundo. Ela está plantada exatamente no “centro”, no local em que o céu encontra a terra. Segundo algu-

Cristo, o “Cordeiro de Deus” na montanha do Paraíso, de onde correm os quatro rios da “Água Viva” sobre a humanidade. À direita e à esquerda, uma árvore da vida. (Sarcófago do imperador romano Valentiniano III, 419-455, em Ravena, na Itália)

Uma das mais antigas representações da árvore da vida (Ur, no Sul da Babilônia, 4000 a 3000 anos a.C.)

mas versões, sete renovos saem da cruz de madeira, representando os sete céus que o homem deve atravessar em seu caminho de elevação.

Na cabala, a doutrina esotérica dos judeus, a árvore invertida é o símbolo da criação que se realiza de cima para baixo. A árvore dos Sephiroths representa a criação e os princípios universais que dirigem seu desenvolvimento, mostrando a energia divina que desce ao mundo da matéria e daí se eleva novamente, acompanhada por aqueles que seguiram este desenvolvimento em um sentido positivo.

A PRÓPRIA ESSÊNCIA DA CRIAÇÃO ESTÁ PRESENTE NO MICROCOSMO E NO MACROCOSMO.

O símbolo da árvore desvela realidades cósmicas e oferece uma representação profunda do mundo. Ibn Arabi (século XIII), um dos principais representantes da mística islâmica, vivencia uma visão em que o universo surge sob a forma de uma árvore de copa larga, cujas raízes saem da semente divina, que é a palavra criadora de Alá. Da mesma forma, o homem teria nascido e começado sua viagem pelo mundo. Os galhos enormes representam a estrutura e a idéia que sustenta a criação, mas também o verdadeiro destino humano. A

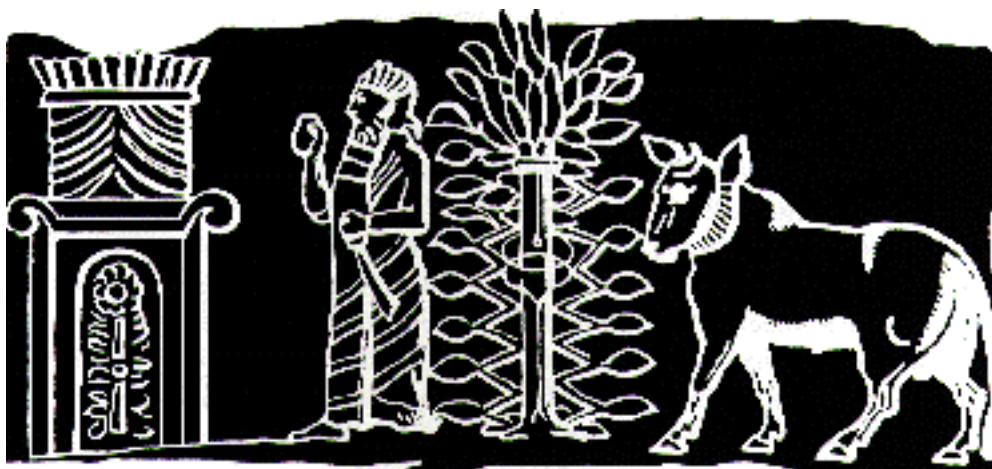


casca é a marca do que está no exterior; ela evoca o que é material: o corpo humano. A folhagem e a copa representam os campos de força e de atividade não-materiais do cosmo e a *lipika* humana. A seiva que corre nas veias simbolizam a eternidade, o imperecível, a essência de todos os princípios e forças do cosmo e do ser humano.

No Apocalipse (22:2), é dito: "...está a árvore da vida, que produz doze frutos, dando o seu fruto de mês em mês, e as folhas da árvore são para a cura dos povos".

No livro *A Fraternidade de Shamballa**, Jan van Rijckenborgh diz: "O sistema nervoso duplo no seu conjunto é indicado como uma árvore no simbolismo santo de todos os tempos. Essa simbologia é muito lógica, pois, se comparar-

Árvore da vida perto da porta que dá acesso à Vida (Assíria)

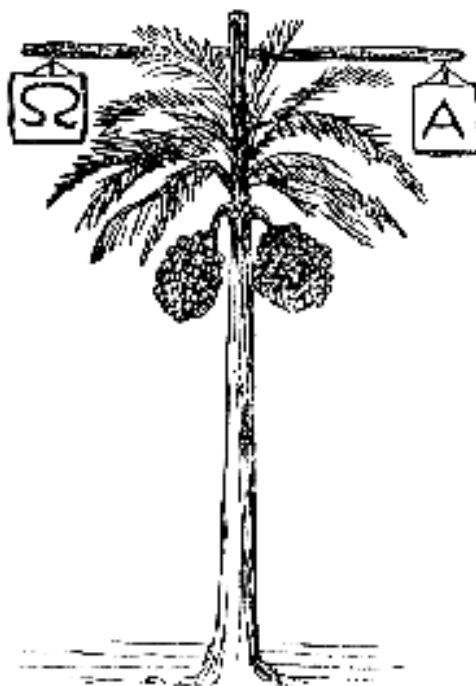


mos com o tronco a coluna do fogo espiritual espinal, que se eleva do *plexus sacralis*, então o santuário da cabeça é a fronde, e os doze pares de nervos cerebrais, que descem do santuário da cabeça para dentro do corpo todo, os galhos pendentes”.

Ou o sistema aspira a força pura e ilimitada do Espírito e daí retira os éteres; ou ele se encontra em um campo de respiração terrestre limitado, portanto dialético, e aspira às forças ligadas à matéria. Neste último caso, trata-se da árvore denominada “do conhecimento do bem e do mal”. É o campo de tensão das forças contrárias naturais regidas pela lei do “nascer, florescer, fenecer”. A partir do momento em que um ser humano respira no campo de força do Espírito, seu sistema nervoso inteiro se renova e o resultado é sua regeneração progressiva e completa.

A coluna de fogo do Espírito, geralmente representada por uma serpente, recebe agora uma nova tarefa. Um novo fogo irradia: já nasceu a nova consciência do homem desperto no Espírito.

* Jan van Rijckenborgh, *A Fraternidade de Shamballa*, p. 101, 1982, 1ª edição.



Palmeira em forma de cruz egípcia, também chamada tau (*Rivers of Life*, J.G.R.Forlong, 1883)

SÍMBOLOS E MAGIA

O ser humano tem a possibilidade de ver em uma parte do mundo exterior um símbolo da vida interior. Geralmente ele mesmo cria este tipo de símbolo e age como um mago, atraindo, recebendo e transmitindo forças por meio destas imagens. É preciso distinguir duas orientações principais: a do homem interiormente liberto, que se serve destes símbolos primordiais para evocar forças divinas em proveito de seu próximo, e o homem ligado à natureza, que geralmente utiliza os mesmos símbolos para invocar as forças da natureza para suas finalidades materiais.

Geralmente, o conceito de “magia” está associado aos orientais, aos feiticeiros e aos curadores. As pessoas partem da idéia de que a magia se serve de rituais e de encantamentos para agir sobre potestades superiores ou inferiores, homens, animais e objetos. Neste sentido, usam-se as expressões magia branca, ou bem-intencionada, ou magia negra ou diabólica e magia cinza, que seria uma mistura das duas. Mas poucos sabem que estas três formas estão igualmente ativas na vida cotidiana do homem moderno.

Os humanos comunicam-se trocando demonstrações, explicações, perguntas, promessas, ameaças, e conferindo tarefas uns aos outros. Fazendo isto, eles se exprimem por palavras, por gestos e muitas vezes por símbolos. Servimo-nos de palavras para sermos escutados; de gestos e de símbolos, para nos expressarmos sem palavras ou para explicar-

mos os significados das palavras. O nível de compreensão e de interpretação é determinado pelo nível de consciência. Palavras, gestos e símbolos podem dinamizar e influenciar valores tanto superiores como inferiores. Os resultados dependem dos motivos do orador e do nível de consciência daquele que recebe a informação. Este último assimila o que foi falado por meio de seus sentidos e, se tudo vai bem, se abre; ou então se fecha àquele que está falando com ele.

A publicidade, entre outras áreas, aplica este meio de transmissão. Um produto é associado a um símbolo atraente. Assim, muitas vezes são utilizados símbolos considerados sagrados para algumas pessoas, ou que têm um sentido diferente em outros países. A relação produto-símbolo deve criar no observador a impressão de que o produto apresentado é uma fonte de felicidade, de glória, de poder, de riqueza, de saúde etc. Esta forma de magia moderna está baseada em métodos muito antigos. Em princípio, o observador sempre tem a liberdade de não reagir às sugestões publicitárias.

Também há formas de magia que utilizam conscientemente meios, forças e seres supra-sensoriais para exercer uma influência invisível e despercebida sobre alguém ou sobre outras forças ou seres supra-sensoriais. Esta transmissão também está baseada no fenômeno da ressonância. Quando uma corda de violino vibra, a vibração se transmite à caixa de ressonância que, vibrando e ressoando por sua vez, transmite o som. Assim, um símbolo transmite certas vibrações; ou seja, vibrações de mundos superiores ou inferiores desconhecidos podem ser transferidos para uma imagem no mundo exterior. Pelo fe-

nômeno de ressonância, estas vibrações às vezes são ainda amplificadas e evocam uma resposta. O mundo de onde elas provêm e o motivo do mago e do beneficiário determinam finalmente o contato com um nível espiritual superior ou então um mergulho mais profundo na matéria.

A MAGIA LIGADA À TERRA ATRAI A PERSONALIDADE PARA UMA ESPIRAL DESCENDENTE

Os homens sempre tentaram influenciar-se mutuamente pela magia. Os objetivos e os meios variam desde os mais baixos até os mais altos. A magia inferior envia pensamentos, sentimentos e impulsos da vontade, invisíveis para muitos, e portanto capazes de transmitir muito facilmente as intenções do mago sem que a pessoa visada perceba sua atuação. Mas qual seria então a diferença entre a magia e a atividade do campo de força de uma escola espiritual autêntica?

As práticas do mago da natureza visam conservar e fazer crescer as forças que agem na natureza. Com esta finalidade, as forças naturais invocadas com ou sem símbolos consolidam o poder do mago natural e ligam a ele seus adeptos ou ouvintes. Deste modo, surge uma concentração de forças naturais das quais vivem tanto o mago quanto seus ouvintes e que mantém o grupo neste estado. Como já dissemos na introdução, trata-se de magia negra, branca ou cinzenta, e as especificações do grupo já indicam sua finalidade. A magia negra está associada a métodos que dizem ser primitivos; a branca, a uma forma elevada; e a cinzenta, a todas as espécies de formas intermediárias. Objetiva-

mente, entretanto, todas estas formas de magia agem no interior dos limites da natureza da morte. Elas não são baseadas na liberdade interior, fruto de uma ligação viva com o reino original dos céus. Neste sentido, elas nada têm a ver com as leis do mundo divino e também não têm nenhuma relação com o caminho libertador que a Fraternidade da Vida indica à humanidade inteira. A magia natural baseia-se em forças terrestres; a magia gnóstica é a prática da vida libertadora que começa quando nos libertamos do domínio das forças

Osíris, criador e senhor. Seu olho tudo vê, seu ouvido tudo ouve, sua consciência engloba o céu e a terra.



da natureza. As forças que este processo suscitam não são destinadas a um indivíduo ou a um pequeno grupo de pessoas dirigentes, mas têm como objetivo guiar a humanidade inteira em uma fase de desenvolvimento superior. É por esta razão que elas deixam o beneficiário livre para examinar o objetivo desta vida superior e para engajar-se nesta nova direção, se assim for seu desejo. A Gnosis não têm por objetivo renovar ou reforçar os laços terrestres, e uma escola espiritual autêntica apenas irá ocupar-se de apresentar a nova vida e o caminho que leva a ela.

A MAGIA NATURAL PODE SERVIR PARA MANIPULAR A PERSONALIDADE

Alguns magos utilizam-se de símbolos e outras entidades para influenciar o mundo do além. A literatura mundial oferece inúmeros testemunhos de práticas como estas e muitas pessoas, atualmente, estão bastante interessadas neste mundo desconhecido para a maioria. A literatura moderna e o cinema são os primeiros a explorar estes temas. Todos conhecem muito bem as histórias de Aladim e sua lâmpada maravilhosa, que dá a seu possuidor o poder sobre os espíritos, e a história de Fausto, que conjura o poderoso espírito da terra por meio de um símbolo mágico. Nestas histórias, os símbolos são objetos materiais que, por sua estrutura, são análogos aos seres e forças supra-sensoriais. Quem conhece a natureza de um princípio supra-sensorial como este pode invocar uma estrutura análoga por meio de um certo símbolo, pois o mundo supra-sensorial está ligado ao mundo dos sentidos.

Assim, o mago forma um elo que liga os sentidos ao supra-sensorial. Um símbolo pode constituir um elo. Mas, perfumes vegetais, figuras compostas de certos objetos, signos, rituais e sons podem igualmente servir como intermediários. A história do aprendiz de feiticeiro mostra muito bem como os “mestres” indignos ou de pouco poder podem tornar-se vítimas das forças invocadas por eles mesmos.

Quando o mago se coloca em tal situação que o ser evocado apresenta-se a ele, então já está ligado a este ser. Na pior das hipóteses, já não pode desvencilhar-se dele e o ser torna-se seu mestre, e ele se torna um instrumento dócil em suas mãos. O espírito da terra diz a Fausto: “Tu te assemelhas ao espírito que te compreende, e não a mim”.

Nenhum buscador sério que esteja seguindo a senda espiritual para servir a humanidade irá ocupar-se deste tipo de prática. E não há nenhuma diferença se, ao invocar estes seres, a intenção é boa ou má. Elas influenciam o eu e aprisionam a personalidade dentro de seus próprios limites. Esta atividade do eu impede a união com o Espírito divino, mesmo quando este eu é mentalmente desenvolvido e está inteiramente a serviço da humanidade sofredora.

Quando um mago da natureza se direciona para seu destino original, a volta ao campo de vida divino, ele é confrontado com os seres e forças que ele mesmo evocou e criou. Quem se encontra na senda de libertação aprende que o eu, o criador destes seres e forças fantasmagóricas não é capaz de amestrá-las, e que somente o verdadeiro eu, a alma imortal, pode conseguir comandá-las.

PROTEÇÃO CONTRA A MAGIA NATURAL

Se existem homens que, por seus pensamentos, sentimentos e vontades tentam influenciar magicamente seu próximo com ou sem a utilização de símbolos, de forças ou de seres superiores, como poderemos proteger-nos deles?

Em princípio, qualquer pessoa razoável e realista já está preservada contra eles. Se não nos deixarmos levar pela exaltação, a embriaguês dos pensamentos, das emoções e da ação, não abriremos brecha para este tipo de atividade. É extremamente importante aprender a fazer a diferença entre a imaginação e a realidade. Muitas vezes, os medos e os desejos pessoais são tão fortes que se manifestam por meio de vozes ou formas. A pessoa tem a impressão de estar sendo guiada por forças ou seres superiores, mas na realidade eles não passam de fenômenos criados por ela mesma e que, tornando-se independentes, provocam este tipo de alucinações. É por esta razão que é tão importante que o buscador da verdade compreenda que é ele mesmo que gera este tipo de experiências alucinatórias: esta compreensão é a chave da neutralização destas interferências indesejáveis. Quem se mantém corretamente na senda espiritual desenvolve não somente o poder de discernimento necessário, mas também vivencia o poder libertador que está sempre agindo em seu interior. O discernimento lhe ensina a fazer a diferença entre a imaginação e a realidade. Ele vai vendo cada vez mais claramente a atividade daquilo que chamamos de forças da esfera refletora* e as do Espírito divino, realmente libertadoras. Ele desmascara e

neutraliza, lenta mas firmemente, os habitantes da esfera refletora. A filosofia oriental jâmblica (cerca de 250-325 d.C.) diz o seguinte a respeito da magia: "Esta arte exige a santidade da alma, uma santidade que rejeita e exclui tudo o que dá relevo à natureza e à matéria; de outro modo, esta arte conduziria à profanação da alma. Uma é a unificação com a centelha divina em nós, a fonte do Único Bem; a outra é o intercâmbio com as forças da natureza, com os demônios e os elementais que submetem o ser humano, transformando-o em um médium e guiando-o passo a passo rumo ao aniquilamento da alma e do espírito". (Jâmblico, *De Mysteriis*)

* A esfera refletora é o duplo etérico da esfera material grosseira na qual se dá a vida cotidiana. Quando alguém morre, seus veículos sutis ainda subsistem algum tempo neste reflexo da vida terrestre que é a esfera refletora; mas aí também se encontram todas as outras espécies de formas de vida. Depois de algum tempo, os corpos sutis do morto se volatilizam e a consciência novamente é introduzida na matéria grosseira.

**FIGURAS GEOMÉTRICAS,
SÍMBOLOS
DA EVOLUÇÃO
ESPIRITUAL**

A importância da geometria não está em sua utilidade prática, mas em sua investigação das coisas eternas e imutáveis e sobre o esforço de elevação da alma rumo à Verdade.

Não é tão fácil analisar símbolos logicamente. A única possibilidade é abordá-los pelo entendimento interior, e isto não ao pé da letra, mas segundo o espírito. Os símbolos são como obras de arte. Eles escondem segredos que se renovam à medida que neles penetramos; portanto eles somente se desvelam pouco a pouco. Em consequência disso, não gostaríamos de considerar as figuras geométricas em questão como objetos muito afastados de nós, mas sim de tentar mostrar que elas podem influenciar nossa vida. Não se trata de trocar algumas idéias sobre leis e expressões matemáticas, mas sim de penetrar mais profundamente em sua função simbólica na vida cotidiana.

LINGUAGEM E FORMA

Pitágoras pesquisou o princípio imaterial suscetível de explicar todas as coisas. Para isto, ele encontra o número. “O número é o pai dos deuses e dos homens” (Pitágoras). Os números são as expressões das forças fundamentais da criação; eles são símbolos destas forças.

Os números podem ser considerados como conceitos quantitativos ou qualitativos. O conceito quantitativo diz respeito ao fato de medir e de contar massas e objetos percebidos independentemente de sua constituição interna. Esta visão puramente analítica forma o fun-

damento da sociedade materialista moderna. A concepção qualitativa baseia-se na experiência de vida. Tudo é percebido como parte de um todo. O significado próprio é exclusivamente reconhecido em relação, em ligação, com o Todo Único. Vistos sob este prisma, os números constituem o primeiro princípio de organização da evolução cósmica. Eles também podem apresentar-se como figuras geométricas. O que vale para os números vale também para suas formas: eles participam do mundo visível e dos mundos invisíveis. Por um lado, a forma é uma expressão do mundo visível, onde vivenciamos limites próprios aos objetos e às formas. Por outro lado, a forma está ligada ao mundo invisível: ela faz parte dele. É neste sentido que Platão interpreta a matemática.

A forma invisível é força, causa, enquanto que a forma visível é efeito, resultado. Por detrás de todos os fenômenos do mundo visível esconde-se uma força. Existe uma energia divina, original, que ativa o homem através da criação, a fim de que ele retorne à unidade com a fonte divina, e o verdadeiro caminho espiritual é a realização do divino em seu ser interior. “Se uma coisa quer concretizar-se, ela primeiro tem que existir *in abstracto*, pelo menos sob forma de potencialidade e de valores presentes.” (As Núpcias Alquímicas de Christian Rosenkreuz, Jan van Rijckenborgh.)

CÍRCULO, QUADRADO, TRIÂNGULO

Quando a energia original de algo que ainda não tem forma penetra na primeira dimensão, surge uma linha. A fase

Moldura em pedra em uma mesquita de Ispahan, no Iran (século XII)

seguinte é a de duas dimensões: a superfície. A terceira é a das três dimensões: espaço etc. Espaço e tempo são as partes de um sistema que comporta sete eixos, dos quais utilizamos três para determinar o espaço, e para dar forma ao conceito de tempo. Na realidade, existem sete dimensões simultâneas, mas a consciência humana somente pode expressar três, pois é incapaz de representar as outras dimensões.

Um dos símbolos mais marcantes da Rosacruz atual é a combinação do círculo, do triângulo e do quadrado. O círculo simboliza a eternidade, a Gnosis universal que suporta o universo. Quem quer participar da eternidade deve aprender a viver do círculo. O triângulo equilátero representa a atividade tríplice desta universalidade. Os três aspectos da trindade divina são equivalentes, cada um com sua atividade específica. Os rosa-cruzes da Idade Média falavam a este respeito em *Trigonum Igneum*, o Triângulo de Fogo, mostrando que, para adquirir a liberdade espiritual, coração, cabeça e mãos devem empenhar-se juntos com a mesma intensidade.

O quadrado é a base sobre a qual deve começar este processo de evolução. Os quatro ângulos estão relacionados com o fogo, o ar, a água e a terra: os elementos de construção do sétimo domínio cósmico. Todos os que buscam seriamente a verdade, que querem ser alunos na senda da vida, são confrontados com os quatro ângulos:

- orientação única na tarefa espiritual de fazer nascer o corpo mental segundo as exigências requeridas;
- ausência de luta com relação a tudo e a todos, para fazer nascer um novo corpo de sentimentos;
- harmonia no intercâmbio das atividades, para fazer nascer um novo corpo vital;
- unidade de grupo, para fazer nascer um novo corpo material.

Tendo em vista esta reestruturação do sistema vital como um todo, são necessárias quatro novas forças — ou éteres — que são chamadas “os quatro éteres santos”.

FIGURAS GEOMÉTRICAS DE PLATÃO

O corpo tridimensional é a terceira fase de manifestação. O homem vive em três dimensões às quais ele está ligado. Os corpos visíveis podem ser símbolos de atividades, de leis, de forças que se manifestam no mundo original, espiritual. Neste sentido, Platão diz que o mundo criado formou-se à imagem de um mundo imperecível. Ele demonstra isto por meio de cinco figuras geométricas cujas características mais importantes são as seguintes:

- elas são todas delimitadas por polígonos regulares;
- em cada ponto angular se unem várias de suas faces poligonais;
- todas as arestas são de comprimento idêntico;
- em seguida, parece que:
- todos os pontos angulares do poliedro se encontram na esfera que o circunscreve;
- todos os centros das faces poligonais se encontram na esfera inscrita dentro do poliedro.
- todos os centros das arestas se encontram em uma segunda esfera inscrita.

O número destes volumes geométricos é limitado, pois o ângulo de um poliedro regular é determinado exclusivamente pelo encontro de várias faces poligonais cuja soma dos ângulos não pode ultrapassar 360°. Somente as cinco figuras geométricas de Platão satisfazem estas condições pois, por não comportarem ângulos, as formas perfeitas da esfera e do ponto não satisfazem estas condições.

As figuras platônicas representam não somente os sistemas de linhas de força do mundo invisível, mas também as da materialização destes sistemas. Cada uma das cinco figuras de Platão simboliza um princípio original e, juntas, elas simbolizam as cinco fases do caminho que, a partir da prisão da matéria, conduz à vida do homem alma-espírito, o homem que venceu a matéria.

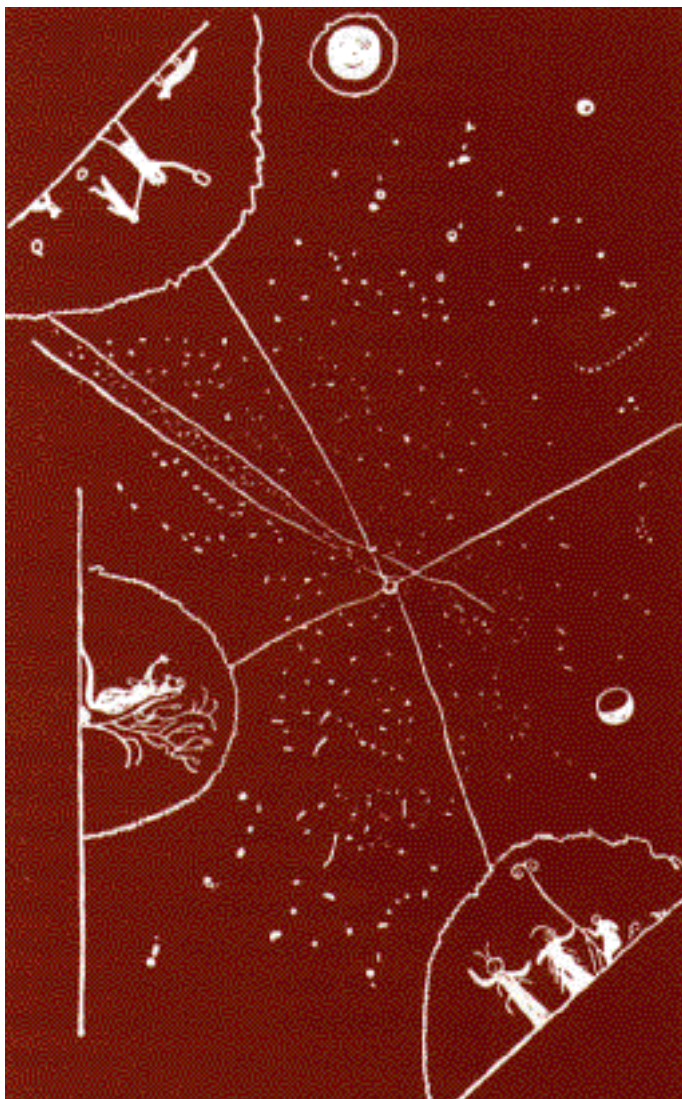
O Hexaedro

O cubo compreende seis faces quadradas iguais e ângulos exclusivamente retos. De todas as figuras de Platão, é a forma mais reta e fixa. Este símbolo geralmente é utilizado para representar a matéria. Ele representa o “eu sou” do homem, o ponto a partir do qual ele deve começar o caminho de sua libertação. O cubo também está relacionado aos quatro pontos cardeais e também ao superior e ao inferior. No Apocalipse (21:16), a Jerusalém celeste é descrita assim: “A cidade é quadrangular, de comprimento e largura iguais. E mediu a cidade com a vara até doze mil estádios. Seu comprimento, largura e altura são iguais”.

Quando é desdobrado, o cubo apresenta-se como uma cruz, cujos braços têm uma relação de 2/3. Qualquer outra relação entre os braços não deriva do cubo e não está, portanto, em harmonia com a atividade do campo de irradiação original. Simbolicamente, o homem é representado por uma cruz de seis quadrados, o que implica que ele está, com certeza, ligado à matéria, ao tempo e ao espaço, mas também que é aí que ele começa o caminho de sua libertação. A crucificação de sua natureza mortal torna possível a ressurreição do homem original imortal.

O tetraedro ou pirâmide triangular

O triângulo equilátero é o símbolo da divindade que se baseia nela mesma. Nesta unidade, o número quatro (quatro triângulos equiláteros) já está presente, mas ainda não está manifestado (página 31). Como o triângulo equilátero sai do mistério e manifesta-se no mundo tridimensional, surge o tetraedro ou pirâmide triangular. Esta última sugere o equilíbrio e a harmonia. Seus quatro ângulos são os mais agudos de todos os volumes platônicos. É por isso que Platão a colocava sob o símbolo do fogo. Ela dá testemunho das forças espirituais que abrem o caminho de uma libertação interior e estimulam o homem a percorrer este caminho. A pirâmide triangular



equilátera colocada no interior de um cubo é considerada como o símbolo do Espírito na matéria. A terra e a personalidade são irradiadas e transformadas pelo Espírito; “A matéria do mundo tridimensional se constrói em forma cúbica, mas oculta em si o tetraedro, construído sobre o equilíbrio divino. A matéria não pode existir sem o conteúdo divino” (E. Haich, *Einweihung*.) Trata-se, portanto, do fato de que na vida não estamos ou não passamos a estar conscientes exclusivamente de nosso corpo (o cubo), mas que reconhecemos o elemento espiritual em si, a quem podemos confiar a direção de nosso ser por meio de um comportamento consciente.

Mapa do céu
shamânico
com estrela
polar ao centro
(Sibéria).

O octaedro ou a pirâmide dupla

Oito triângulos equiláteros formam o octaedro, uma figura que parece planar no espaço: é por isso que Platão o chama de elemento aéreo. Podemos dizer, também, que é um *trigonum igneum octuplo*. Oito é o número de Saturno, o guardião da fronteira. De um lado, ele reina sobre a matéria inferior; de outro, ele estimula a elevação no campo de vida supraterestre. O número oito é formado por duas esferas que representam o mundo inferior e o mundo superior. De modo análogo, podemos considerar o octaedro como uma pirâmide dupla cuja parte de cima representa o Reino da Luz e cuja parte de baixo representa seu reflexo: a natureza terrestre. A superfície em que as duas pirâmides se tocam é o umbral, a linha divisória, mas também o plano a partir do qual os dois mundos são invertidos. Se alguém atingiu este plano, então podemos dizer que ele já não é deste mundo, mesmo ainda não fazendo parte do outro.

Quem reconhece pelo menos uma vez a verdadeira natureza da matéria e já não se deixa dominar por ela, mantém-se no umbral, na linha divisória a partir da qual começa um outro mundo, um mundo novo. Quando a antiga consciência dá lugar a uma nova consciência capaz de entrar neste novo mundo, então o peregrino atravessa o portal de Saturno. Está feita a escolha decisiva: para uma ressurreição ou para uma queda profunda. O número oito é a oitava superior do número um, a fonte de todas as coisas, de onde parte todo o desenvolvimento novo.

O icosaedro: vinte triângulos equiláteros

Entre a série de figuras platônicas, esta é a que possui o maior número de faces. Em cada ponto angular se encontram cinco triângulos, o que faz surgir uma estrutura relativamente arredondada e fluida: por isso, Platão a coloca sob o signo do elemento água. A força tríplice original encontra-se vinte vezes re-

forçada, o que faz nascer uma poderosa atividade espiritual no ser, no grupo que aí se encontra. A água simboliza a substância primordial: conseqüentemente o icosaedro é considerado como o símbolo do princípio feminino superior, a mãe que é a fonte de toda a vida elevada.

O dodecaedro, a cidade de doze portas

Platão faz do dodecaedro o símbolo da matéria primordial de onde Deus formou os elementos com números e formas. Esta figura consiste em doze pentágonos regulares e aproxima-se bastante da forma esférica. O pentágono é o símbolo da nova alma. As forças das quais vive o novo homem-alma são duodécuplas, forças que, no mundo material, estão relacionadas aos doze signos do zodíaco e, no plano espiritual, às doze forças originais. A combinação dos doze pentágonos, quando é uma manifestação do Espírito divino e da nova alma, pode gerar possibilidades inimagináveis.

No quinto dia de *As Nupcias Alquímicas de Christian Rosenkreuz**, encontramos a imagem dos sete navios que navegam pelo mar em direção da torre do Olimpo. Estes navios formam, em conjunto, o campo de irradiação da pineal, no centro do qual se efetua a ligação da nova alma com o Espírito. Cada um dos navios leva como emblema um dos corpos geométricos regulares, e o navio de Christian Rosenkreuz, que traz o globo como emblema, encontra-se no centro. No momento em que a pérola é ofertada, os navios se dispõem em forma de pentágono. Os que trazem o símbolo do sol e da lua — os símbolos do espírito e da alma — vêm no centro, e o navio de Christian Rosenkreuz encabeça a todos, como prova de que a nova consciência concentra-se na cavidade frontal. Cada um dos cinco corpos regulares forma uma porta com o sol e com a lua: por esta porta penetram sete raios. As figuras geométricas simbolizam as diferentes atividades de cada

raio, que intervêm cada vez sob ângulos de incidência diferentes, em harmonia com a orientação interior e de acordo com o estado do candidato. Assim, o microcosmo é conduzido como um “globo de ouro” sobre o mar do novo campo astral, até atingir, enfim, a torre do Olimpo.

O GLOBO, A ESFERA, É A MAIS PERFEITA FORMA DA CRIAÇÃO

Em *Christianopolis*, de Johann Valentin Andreae, o globo de ouro é descrito como “a cidade de doze portas”. É o microcosmo santificado, no interior do qual se cumpre o processo de transfiguração: sol e lua, espírito e alma, ocupam uma posição central neste processo e se encontram, portanto, no centro. Hermes Trismegisto diz que a esfera é a mais perfeita forma do universo. É no interior da esfera que se produz toda a manifestação. A totalidade do processo do macrocosmo, do cosmo e do microcosmo está contida na forma esférica.

De tudo o que foi dito, parece que, por meio de estruturas regulares, são transmutadas poderosas forças, no momento em que o Espírito Sétuplo penetra o cosmo e o microcosmo. A medida pela qual estas forças podem operar depende inteiramente da capacidade de assimilação da pessoa tocada. Quando o Espírito (o tetraedro) irrompe no ser terrestre (o cubo), o buscador da verdade chega ao umbral, à linha divisória (o octaedro) da nova vida. Quando ele ultrapassa esta fronteira e assimila progressivamente as novas forças vitais (icosaedro), então o novo homem-alma (dodecaedro) se desenvolve totalmente e age no plano divino. As doze forças divinas penetram o sistema microcósmico e renovam todos os corpos do homem até sua última célula. Em *As Nupcias Alquímicas de Christian Rosenkreuz*, tomo II, Jan van Rijckenborgh escreve: “Quando o

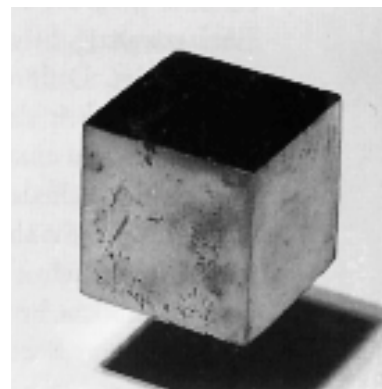
candidato progride em relação a seu objetivo, pois estabelece a ligação com o mundo do Espírito, com o oceano da plenitude da vida, esta ligação tem como consequência um afluxo de novas forças. Ora, a estas forças correspondem às novas e puras formas cristalinas, pois não há espaço vazio. Novas forças significam, portanto, novas manifestações, ou seja, a combinação precisa de átomos provindos de Deus: isto é claro!”

KEPLER E AS FIGURAS GEOMÉTRICAS DE PLATÃO

Filósofos e cientistas sempre se voltam, com muito interesse, para o segredo dos polígonos regulares. O astrólogo e astrônomo alemão Johann Kepler (1571-1630) considerava que o número de planetas, sua ordem de sucessão e seu movimento respondiam a determinadas leis. Ele sempre agradecia “à luz da graça divina” pela compreensão com a qual ela o gratificava. Até que ponto seus trabalhos eram baseados na pesquisa e na busca da ligação entre o original e o homem? Isto fica bem claro nesta observação: “Não há nada que eu mais tente sondar com o mais escrupuloso cuidado e aspire a conhecer do que esta indagação: ‘Deus, que eu percebo claramente ao contemplar o universo, será que eu poderia encontrá-lo dentro de mim mesmo?’”

Com o auxílio de poliedros regulares de Platão, Kepler determinou a posição dos planetas e sua distância em relação ao sol. Ele representou este sistema em seu modelo do universo, o *Mysterium Cosmographicum* (fig. 7), no qual ele utilizou a relação entre a esfera inscrita e a esfera circunscrita dos cinco volumes de Platão. As pesquisas mostraram mais tarde que a relação entre as órbitas dos planetas e as figuras platônicas baseia-se no número áureo**. As pesquisas atuais estão vol-

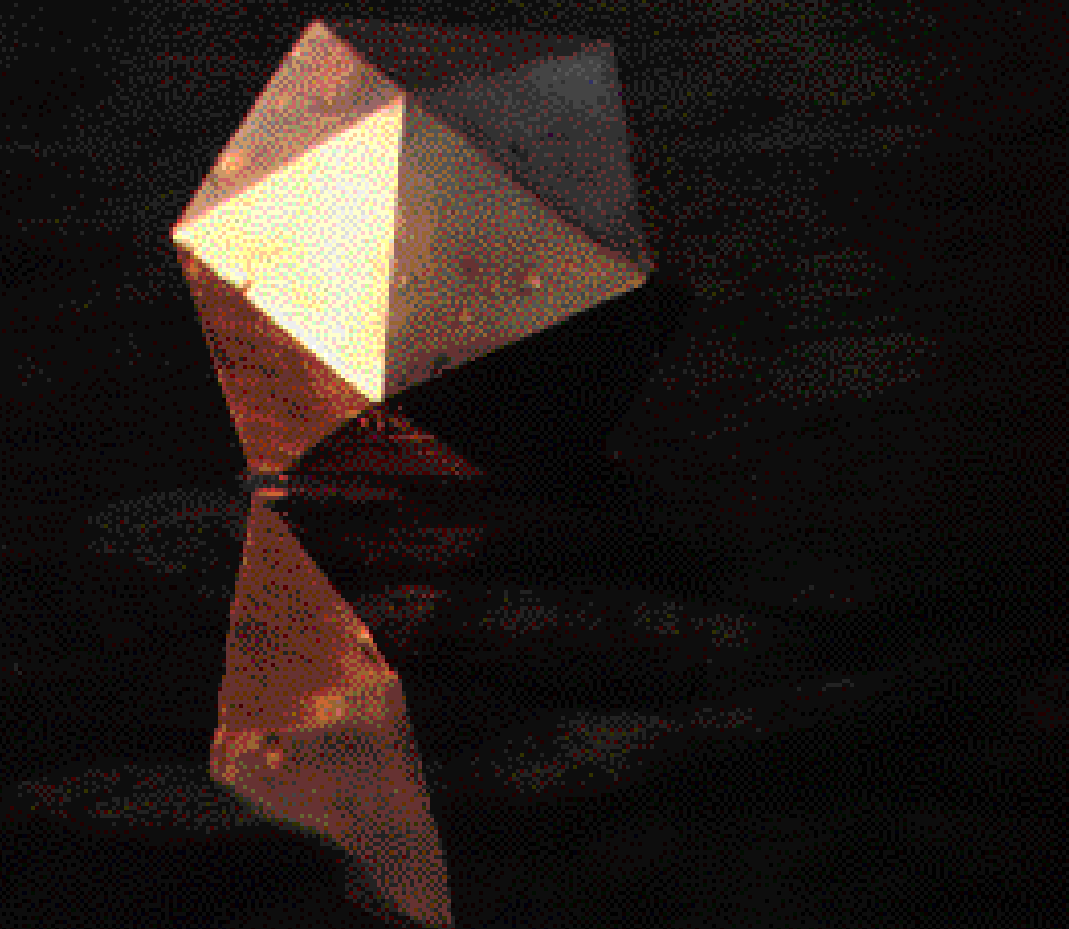
tadas para as sete dimensões, mas isto nos levaria longe demais para os limites deste artigo. Esperamos ter demonstrado um pouco que tudo no macrocosmo, no cosmo e no microcosmo ocupa seu próprio lugar a serviço do plano divino.



Figuras geométricas de Platão. Da esquerda para a direita: hexaedro ou cubo, tetraedro ou pirâmide triangular, octaedro ou pirâmide dupla, dodecaedro ou sólido com doze faces regulares e, no centro, o icosaedro ou sólido com vinte faces regulares.

* Tomo II, Rozekruis Pers.

** É a relação entre duas medidas, de tal modo que a menor esteja para a maior como a maior está para a soma das duas, o que dá o número áureo, a proporção de 0,618.



CRUZ DE LUZ

*No silêncio profundo
Repousa o Mistério,
Qual pérola
No fundo do mar.*

O Mistério diz:

*Eu sou a Luz do Mundo,
Imutável, E eterna,
O coração do universo.
Eu sou o sol dos sóis,
Oferto meus raios a vós
E os revelo na cruz de luz.*

*Em forma de centelha
Penetrei vosso coração,
Infinitamente pequena como um
átomo,
Mas grande em poder;
Como botão que se desabrocha,
transformando-se em rosa;
Como semente que deseja tornar-
-se homem-luz.*

*Despertai, sonhadores!
Rebelai, prisioneiros!
Combatentes, rendei-vos à Luz!
Dirigi vossos olhos e ouvidos
Para o imo,
E vede o que ninguém percebeu no
reino dos sentidos.*

*Desde a origem dos tempos,
Desço ao sepulcro deste mundo,
E faço com que minha luz flua
Como o Verbo Vivente,
Como os símbolos sagrados.*

*Em forma de palavras de amor,
Sabedoria e força,
Volto desde tempos imemoráveis,
De tempos a tempos,
A vossa noite fria,
A vosso vale da morte,
Vertendo meu esplendor
sobre vosso pó.*

*Mas sempre de novo
A arbitrariedade o arrebatava*

*E vós não me reconheceis,
Guardando de mim uma imagem
que não corresponde ao que sou
Um manto superficial
que serve apenas para envolver.*

*Assim, há eões,
Meu desprendimento combate
Vosso egocentrismo.
E minha Luz luta
Contra vossas trevas.*

Entretanto, ouvi e vede!

*Já é hora da minha cruz de luz
Triunfar em vosso mundo.*

*Tudo aquilo que não segue
Minha palavra e minha força
Rumo à Cruz de Luz
É derribado.*

*Ó, não hesiteis,
Vós que tendes fome de Espírito!
Anelai vir ao meu encontro.
Reconhecei-me.
E não creais que uma veste carnal
Do passado, pregada numa
Cruz de madeira, possa salvar-vos.*

*Eu sou o Verbo Vivente
Que traspassa todo o universo
Com puro Espírito.*

*Cerrai bem o velho mundo
Que vos mantém cativos na morte.
Despojai-vos da arbitrariedade e
Abri-vos aos raios que descem
De mim como os símbolos sagrados,
Em força e plenitude sétuplas,
Para que a alma encontre
Seu caminho de retorno ao lar,
E se inflame, segundo minha
Vontade, transformando-se
Na Cruz de Luz.*

*Vinde a mim,
Vós, alquebrados!
Tomai minha luz e minha força*

*Como pão e vinho,
Como água e sangue,
Como cordeiro sacrificial e peixe.*

*Nutri o embrião da nova alma.
Fazei com que ela germine como
rosa na cruz vivente.*

*E, se ela florescer plenamente,
No coração e na cabeça,
Nas mãos e nos pés,
Fazei o que fiz por vós*

Ide com minha força.

*Sede Cruz de Luz para
Todos na noite.*

*E trouxe a todos os que têm fome
De Espírito aquilo que vos dei.*

*Libertai-vos do mesmo modo
que libertais outrem!*

*Assim fala a Luz do Mundo
Em profundo silêncio.*

*Todos que ouvem e compreendem
Livram-se dos grilhões
E seguem o Verbo,
A Vontade Sagrada,
Em jubilosa corrente de irmãos.*

*Eles se elevam na corda dos
Símbolos luminosos até o local dos
Libertos, avançando rumo à luz,
Para a pátria dos viventes.*

*E quando circundam o trono do sol
Permanecem no meio do mundo
Para apresentar suas oferendas.*

*Ouves a Palavra?
Sentes o alento da eterna Verdade?*

*Da taça áurea
Desce um raio até teu coração –*

Para revelar-te



*O Pai-Mãe-Filho,
O Ser eterno,
Que se sacrifica pelo mundo na
Aliança da Luz, da Cruz e do Graal.*

A LINGUAGEM: UM SÍMBOLO INFINITAMENTE VARIÁVEL

Cada linguagem é um sistema de símbolos muito extenso, um teste-munho que capta o poder que o homem possui de criar símbolos. As palavras e a gramática de uma certa língua expressam a maneira pela qual um povo define sua relação com o mundo. Em sua origem, cada palavra refletia uma parte da realidade e representava sua essência tal como era percebida por cada povo.

O conceito de linguagem pode ser definido como a *totalidade dos conceitos que os humanos emitem pelos órgãos da fala ou pela escrita, a fim de expressar pensamentos e sentimentos, e de comunicá-los*. Por exemplo, examinemos o som que constitui a palavra alemã “árvore”: BAUM. O AU reflete a copa redonda da folhagem; o B é a abóbada interior isolada do exterior; o M a leveza e a fluidez da folhagem. Outros povos, percebendo a árvore de modo diferente, utilizam uma outra combinação sonora adaptada à estrutura de sua linguagem.

As orações subordinadas expressam, no momento atual, as relações entre certos acontecimentos. Por exemplo, a relação entre presente e futuro, entre causa e consequência, entre uma possibilidade e tudo o que depende dela. A mitologia relata que os humanos receberam seu poder de expressão de seres superiores: depois as linguagens evoluíram até tornar-se o que são hoje. Segundo a Bíblia, o homem deu um nome a todas as criaturas e a todos os objetos para orientar-se conscientemente e também para que os outros os

reconhecessem. “E Adão deu nome a todos os animais domésticos, às aves do céu e a todos os animais do campo.”

Ao permitir ultrapassar as relações intuitivas e inconscientes com a natureza, a linguagem dá a possibilidade de determinar, independentemente dela, o que é necessário para adquirir o autocohecimento e o conhecimento da natureza, e finalmente de nos aproximarmos do mundo espiritual e entrar nele.

O milagre da linguagem é claramente visível na língua hebraica, cuja escrita quadrada, que se traça da direita para a esquerda, preservou sua característica original. Assim, do som ou da letra *Beth* provêm o *Beta* grego e o *B* das línguas modernas; mas nestas línguas o *B* já não é um símbolo vivo: é apenas um sinal. Em hebreu, entretanto, *Beth* e o som *B* significam *casa*. Uma casa se refere a um lugar separado do exterior. A letra *B* não significa mais do que isto. Podemos verificar isto por sua pronúncia: os lábios expulsam o sopro para o exterior e criam um vácuo; isto também pode ser bem visível na forma desta letra. No esoterismo hebraico, observa-se que a Bíblia começa com a letra *B*: “*B’reschit bara elohim e haschamajim w’et ha’arez*”. (No princípio criou Deus os céus e a terra”) Gênese, 1:1. De fato, a Bíblia começa com a criação do mundo e o mundo é a casa separada de Deus, a matéria que foi apartada do Espírito.

A partir da unidade do Espírito, a criação formou a dualidade da matéria: o interior e o exterior, o Espírito e a matéria que o engloba em uma forma, a fim de que o Espírito se liberte da matéria.

A primeira letra da escrita hebraica é o *Aleph*. Esta letra não se escreve, assim como as outras vogais. *Aleph* é “a origem invisível no Espírito”, a unidade

que se torna dualidade pelo Espírito e pela matéria. É por isso que *Beth* é igual a 2, pois cada letra hebraica representa também um número. Estes números não traduzem quantidades, mas são obtidos pela divisão e diferenciação. Do 1 provém o 2, por divisão. Aqui vemos que o símbolo *Beth* representa simultaneamente um princípio estrutural da realidade (separação), um princípio do mundo dos números, o 2, e um estágio de desenvolvimento da criação; o mundo da forma que se diferenciou a partir do Espírito. Ao mesmo tempo todas estas funções traduzem realidades concretas que aparecem pelo desenvolvimento do som e da forma das letras. Trata-se de um maravilhoso simbolismo, pois o que acabamos de dizer pode ser demonstrado por todas as letras do alfabeto hebraico!



Sete seqüências
de signos sagrados
baseados no
hebraico (Bibliotheca
Magna Rabbinica, 1675).

CONVIVENDO COM SÍMBOLOS

“A Verdade não veio ao mundo nua, mas em forma de símbolos e imagens: de outro modo, o mundo não poderia recebê-la.” (Evangelho de Felipe, descoberto em Nag Ham-madi.)

Como ainda não reconhecemos o conceito de incorruptibilidade, nosso pensamento continua direcionado para o perecível e, por esta razão, muitos símbolos primordiais foram degenerando pouco a pouco, até passarem a se referir apenas a considerações materiais. Entretanto, se ainda continuam puros, eles representam uma grande força, que quase sempre é ignorada.

Em sua origem, um único símbolo continha uma mensagem que, embora velada, podia ser transmitida à humanidade. Podemos considerar estes primeiros símbolos como cordas salvadoras enviadas à humanidade sofredora para arrancá-la para fora da matéria e elevá-la na imortalidade. Isto significa que esta humanidade recém-criada ainda não era capaz de tomar, por si mesma, o caminho de volta rumo à eternidade. Assim, quando um símbolo se situa no ponto de intersecção entre o mortal e o imortal, é fácil de ser interpretado falsamente, ou degradado. Neste caso, a corda salvadora transforma-se em corrente, aprisionando a humanidade decaída.

Vamos imaginar um grupo de pessoas que estão buscando a verdade. Elas já tomaram seu caminho rumo à verdade e vivenciam seu aprisionamento na matéria, cada vez mais conscientemente. Uma imagem da libertação, uma nova perspectiva sob a forma de um símbolo, pode mostrar a elas novos

aspectos da verdade. Depois, chega o momento em que as novas qualidades de alma são grandes o bastante para tomar a direção de suas vidas. Então, tudo o que estas pessoas haviam adquirido (amigos, relações sociais ou profissionais, idéias, hábitos), já não tem um valor essencial para elas. O anseio pela libertação, que nasceu da lei original inscrita em seu coração, deve tornar-se tão ardente que a vida material já não é a finalidade de sua existência, e elas percebem claramente a porta que se abre para o bem espiritual superior. A prisão terrestre vai-se desfazendo exterior e interiormente, e todos os obstáculos desaparecem. Neste processo que leva à autonomia espiritual, as orientações que eram prescritas antes são deixadas de lado e as pessoas vão traçando, individualmente, novas linhas de força. Assim, quem está no caminho, buscando sua libertação, retoma toda a responsabilidade sobre sua própria vida.

Mas será que o que acabamos de dizer é tão fácil? Não é verdade que sempre nos deixamos guiar por todo o tipo de princípios, instruções e teorias estatísticas? A autoridade dos outros parece servir de apoio, pois ainda não procuramos mais além, e não percebemos que os outros são tão falíveis quanto nós mesmos. É que as pretensas “autoridades” não passam de homens, debatendo-se também com o problema de suas próprias vidas! Eles são prisioneiros de seus princípios, como todas as pessoas que ainda não perceberam a porta da imortalidade.

Enquanto isso, a necessidade de um certo suporte exterior realmente se faz sentir, a tempo de adquirir a compreensão libertadora, e portanto de poder seguir um novo caminho. Mas, se o buscador não vai muito longe, os meios de

socorro espiritual obtidos degeneram rapidamente, transformando-se em prisão espiritual, e ele enfeitará as paredes com alguns símbolos magníficos que dão testemunho de suas aspirações. Para muitos, é assim que o nascimento, o caminho da cruz e a ressurreição do salvador são símbolos cristalizados, transformados em dogmas.

COMO DEVEMOS COMPORTAR-NOS DIANTE DOS SÍMBOLOS?

O nascimento, o caminho da cruz e a ressurreição de Cristo representam fases do desenvolvimento espiritual que acontece dentro de cada pessoa. É um caminho onde não fazemos outra coisa senão cair e levantar, como testemunha Pedro, quando nega seu mestre. Tendo de escolher entre o antigo e o novo, ele ainda não é bastante forte e cai novamente em seus hábitos antigos. O buscador da verdade conhece isto. As consequências de suas novas concepções de vida são muitas vezes tão revolucionárias que é preciso refletir muito bem antes de saber se realmente quer continuar, se é isto o que ele realmente quer! Não tendo certeza, ele recua. Ele bem que gostaria de libertar-se dos laços do espaço e do tempo, mas logo volta a sua antiga natureza. E, a fim de salvar seu próprio eu, ele se reveste da sabedoria dos símbolos, para tentar manter-se à frente e abusar dos outros. Ele tenta mitigar sua fome de pão espiritual com princípios e valores terrestres. Esta fome vai-se tornando insuportável e, em sua corrida rumo à verdade, ele imita a verdade. Ele a falsifica e a oferece, assim, a seus semelhantes. Quem age desta forma, brinca com fogo, pois é

possível utilizar falsamente um símbolo autêntico, mas este já não conserva sua força. Ao fazer mau uso de um símbolo, quem o utiliza bebe de sua fonte secreta e vivencia a experiência de receber coisas completamente diferentes do que gostaria ardentemente de receber.

No caso em que o buscador, ou o grupo de buscadores ultrapassam os limites da natureza da morte e utilizam a força liberada no sentido de sua destinação original, surgem novas possibilidades e propriedades. Assim, os símbolos já desembaraçados das teias de aranha que os recobriam falam diretamente ao buscador sério, de maneira libertadora, em níveis cada vez mais elevados. Os dogmas, que quase sempre são os frutos amargos do medo, vão perdendo sua força. Assim, a mensagem original pode ser seguida e vivenciada: primeiro pelos pioneiros, depois por seus numerosos discípulos, e em seguida por toda a humanidade, convocada para voltar sobre seus próprios passos.



HOMEM E MULHER: SÍMBOLOS BÍBLICOS

É possível considerar um certo número de figuras bíblicas como símbolos da evolução interior do ser humano. Eles traduzem este avanço no caminho da vida por situações simbólicas que parecem sempre levar mais longe, principalmente sob a forma de narrativas alegóricas. Assim, a entrada em cena de certos personagens, na Bíblia, é a própria ilustração das vivências que experimentamos no caminho do desenvolvimento espiritual e no correspondente estado interior.

Estas narrativas alegóricas dizem respeito a todos os homens? Em princípio, sim, pois o microcosmo foi criado “à imagem de Deus” e carrega em si uma semente divina. Ora, esta semente, ou núcleo, dá ao portador do microcosmo — o homem — a possibilidade de ligar-se novamente à força divina. Mas, ao lado disso, podemos dizer que as experiências simbólicas descritas na Bíblia dizem respeito a um só ser: aquele que está consciente de buscar a senda do crescimento espiritual e quer realmente empreendê-la. Um buscador da única verdade torna-se progressivamente sempre mais receptivo ao plano e à força divina. Ele libera em si o núcleo original, colocando de lado seu eu e dando a palavra ao plano divino.

Para começar, este processo ainda é passivo, mas ao mesmo tempo o homem que busca a Deus está chamando por socorro. Sua profunda nostalgia, seu desejo irrepreensível de po-

der seguir a senda de libertação se exteriorizam e o impulsionam a agir. Esta “passividade” e esta “atividade” — receber e emitir — estão ligadas e dependem uma da outra. Em muitas narrativas alegóricas da Bíblia, estes dois pólos são representados pelo homem e pela mulher, e sua ação é descrita sob a forma de acontecimentos e personagens.

O COMEÇO DO CAMINHO NO ANTIGO TESTAMENTO

No começo do caminho de transfiguração, o homem que busca a Deus ainda está na fase de evolução do Antigo Testamento. Sem rumo, no estado de queda em que ele se encontra, ele é tocado pelas forças divinas. Ele ouve o chamado e se põe a caminho. A senda que leva do Antigo Testamento para o Novo Testamento é a senda do chamado, do “testemunho da antiga vida” para o “testemunho da nova vida”. O Antigo Testamento representa o período da preparação; o Novo Testamento descreve a espiral superior desta evolução: o despertar e o crescimento da nova alma, a formação da nova consciência e a elevação da nova alma no Espírito. Tudo o que se passa no Novo Testamento está em preparação no Antigo Testamento. Isto fica demonstrado pela entrada em cena dos profetas que apontam para a realização no Novo Testamento.

ADÃO E EVA: SÍMBOLOS DO HOMEM DECAÍDO

Todos os seres humanos na terra se encontram em um estado que já não está em concondância com a vida divina original. É dito que Adão e Eva foram expulsos do mundo divino por terem comido do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. Adão e Eva encarnam o princípio emissor e receptor,

masculino e feminino. Aquele que percebe que pertence à vida mortal e compreende que deve direcionar-se para a imortalidade, tem o dever de devolver a Adão e Eva sua função original, por meio de seu próprio ser, antes que eles possam unir-se, pois neste momento são forças distintas. O antigo Adão e a antiga Eva devem tornar-se um novo Adão e uma nova Eva.

No Novo Testamento surgem os mesmos princípios baseados em uma espiral superior, sob o aspecto de Maria e José. Eles indicam que o processo de purificação já está avançado, que o homem-Jesus pode nascer destes dois princípios: ou seja, com um corpo (ou veículo) apto para se preparar para a ressurreição.

Esta fase de desenvolvimento entre “o antigo” e “o novo” faz parte do caminho de todo o autêntico transfigurista. E para ele, é sempre verdadeira a indagação: “Onde está o Adão em mim? Onde está Eva? Onde estão Maria e José? Será que Jesus já nasceu? E Cristo?” O Adão decaído tem sua sede no sistema espinal, que vai da cabeça ao plexo sacro. Ele representa o antigo fogo serpentino, a consciência decaída. A Eva decaída encontra-se no santuário do coração ainda não purificado. Ela encarna a antiga vida de sentimentos de natureza terrestre.

A força espinal tem um aspecto abstrato e um aspecto concreto. Na alma-espírito desperta, o aspecto abstrato é portador dos impulsos do mundo divino: portanto, há uma atividade criadora. O aspecto concreto liga a nova compreensão à matéria. A força espinal atrai a força astral — Eva. Por meio dela, a alma-espírito pode trabalhar na matéria. Quando esta colaboração acontece em harmonia, o instrumento é formado para que Deus possa manifestar-se na matéria; e a fim de formar um instrumento como este, é necessário que cabeça e coração unam-se progressivamente e já não estejam a serviço do eu.

David e o pecado original (Manuscrito da Biblioteca Herzog August, em Wolfenbüttel, Alemanha).

DOZE NOVAS POSSIBILIDADES

A fuga
do Egito
(Gravura de
Albert Durer,
1471-1528).

Adão e Eva simbolizam, em primeiro lugar, a força espinal e a força astral do homem decaído. Em uma espiral superior, eles retornam sob a forma de Abraão e Sara, símbolos da fé que faz nascer o toque do Espírito. Isaque e Rebeca lembram a concretização desta esperança; Jacó e suas esposas simbolizam a nova energia liberada. Deles, nascem doze filhos — doze novas forças — que podem ser imaginadas como símbolos das novas forças bipolares que atuam em diferentes níveis na vida humana. Assim, a compreensão que é própria do homem do Novo Testamento adquire um maior poder de recepção e manifestação; o mesmo acontece em sua vida sentimental (Gênesis: 49). Estes novos poderes acarretam uma nova tarefa: uma preparação maior, tendo em vista o nascimento de Jesus e a ressurreição de Cristo. Esta é a fase do Antigo Testamento — o testemunho da nova vida que se desenvolve naquele que busca

Depois do toque do Espírito divino, as

forças recebidas devem transformar-se em um processo consciente: é a fase Jesus. É impressionante que, no Novo Testamento, já não seja tratada a questão da linhagem das gerações, mas sim da consciência do indivíduo. Para encerrar a antiga fase, surge João Batista, o último profeta, que lembra a fase da preparação em termos concisos. A esterilidade de seus parentes, Zacarias e Isabel, exprimia o fato de que eles haviam deixado a fase do Antigo Testamento e já não estavam receptivos às influências do antigo campo de vida terrestre. A alma que se volta a Deus, por esta mesma razão, desvia-se do mundo e se fecha a suas influências, porém não o abandona em seus sofrimentos.

O NASCIMENTO DE DEUS NO HOMEM

Quando a alma, deste modo, desvia-se do mundo, recebe novas forças. O pólo oposto do princípio feminino é o intelecto terrestre, agora purificado a ponto de poder retirar-se para dar lugar a um desenvolvimento superior. Esta compreensão do intelecto — José — e a rendição do coração — Maria — permitem que se cumpra uma grande maravilha: a manifestação de Deus no homem. Jesus nasce. O nascimento de Jesus é, portanto, o símbolo do nascimento de Deus no homem, fato que deve acontecer um dia com todos para permitir a ressurreição. A alma “convertida” e o novo intelecto já não acham seu lugar no velho mundo: então, são expulsos pelas forças terrestres. Mas estes aspectos, que já atingiram uma realidade superior, saúdam a chegada da Luz. Estes aspectos são representados pelos três reis Magos que, guiados por uma estrela até o local de nascimento de Jesus, vêm trazer-lhe ouro, incenso e mirra. O incenso é o símbolo do coração renovado e das novas forças astrais que chegam até ele; o ouro é a imagem da



nova compreensão ou consciência, e a mirra, a nova atividade que vai permitir a expansão do Espírito divino no mundo.

O CAMINHO DA NOVA ALMA

O caminho ainda não termina com o nascimento de Jesus, que é o segundo nascimento. Por mais que este nascimento tenha aberto a porta do mundo espiritual, o novo homem deve crescer até poder participar conscientemente do novo campo de vida.

Em um determinado momento, Jesus deixa seus pais, começa a pregação e reúne em torno de si seus doze discípulos, a quem ele revela os maiores Mistérios, que mantém velados ao povo, pois seus discípulos têm um nível mais elevado.

Os doze discípulos correspondem aos doze filhos de Jacó, às doze tribos de Israel. No Antigo Testamento, havia doze atividades que resultavam do toque do sangue pelo Espírito. Esta era a fase dos profetas. No Novo Testamento, estas doze atividades já não provêm do sangue renovado, mas sim da nova alma, da nova consciência: é por esta razão que elas são chamadas por Jesus, que é o princípio da nova alma. Elas são chamadas, mas não totalmente realizadas, pois, apesar de já estarem presentes em princípio, ainda devem ser dinamizadas. Esta é uma ação consciente e este é o assunto tratado pelo Novo Testamento: o testemunho da nova vida!

Cada um de nós deve aprender a trabalhar com as doze novas forças no caminho de transfiguração: é assim que o sistema, como um todo, é renovado. Estas doze forças, no desenvolvimento do Novo Testamento, agem nos doze pares de nervos cranianos já preparados para isto. Em outras palavras: começa a tomar forma a nova doutrina (como base de trabalho) e as novas forças (como poder de execução). Neste

sentido, o buscador espiritual pode reconhecer seu próprio caminho com a entrada em cena de Jesus, e também de Pedro, João, Tomás, Judas e outros discípulos. Os doze discípulos seguem a Jesus como seu Mestre. Eles o seguem, e o traem inúmeras vezes, pois eles não o compreendem e, sempre caindo em seus velhos hábitos, querem servir novamente ao deus terrestre. A história dos doze discípulos descreve os aspectos positivos e negativos deste combate interior. Assim, Pedro mostra que é firme e perseverante. Em seu sentido negativo, estas qualidades se manifestam como intransigência e tendência a fazer intervenções intempestivas. Estes dois aspectos já foram descritos no Antigo Testamento, quando Jacó aconselha seus irmãos.

Os aspectos simbolizados pelos filhos de Jacó e pelos discípulos de Jesus devem ser agora subordinados à vida segundo o Novo Testamento. Tudo o que representa um obstáculo à nova vida deve ser reconhecido e vencido progressivamente: negação, traição, inveja, incredulidade, desejo de poder, vaidade e todos os outros elementos negativos da vida terrestre.

A terceira fase é a da libertação. Depois daquele que prepara os caminhos — João Batista — vem Jesus, a nova alma: depois de Jesus vem a ressurreição — a nova alma unida ao Espírito. Nesta fase, entram em ação duas forças que podemos definir como a alma ressuscitada e seus companheiros. É sobretudo Maria Madalena que aqui desempenha um papel importante. Segundo o evangelho, ela queria espalhar óleos aromáticos pelo corpo de Jesus. Ela apenas encontra seu corpo glorioso, o corpo que se tornou um corpo de luz. Depois de sua ressurreição, Jesus ensinou seus discípulos, e sua aluna mais inteligente era Maria Madalena. Ao contrário dos outros discípulos, ela sempre continuou no rumo certo, como é dito no Evangelho segundo Maria. A Bíblia conta que havia três mulheres ao lado da cruz: Maria (a mãe de Jesus),



· H · M · A · G · N · I · F · I · C · A · T · I · O · N · E · M ·

· H · M · A · G · N · I · F · I · C · A · T · I · O · N · E · M ·

uma outra Maria e Maria Madalena. Podemos considerá-las como companheiras da nova alma. Elas sofrem e seguem o processo de renovação por completo, mas seu testemunho é o silêncio, porque a compreensão natural não é capaz de concebê-lo.

NASCIMENTO DO NOVO CORPO ETÉRICO

A ressurreição é o desenvolvimento do corpo da nova alma, nutrido pelas forças do Espírito. É apenas depois da ressurreição que o sistema microcósmico é ligado ao campo de vida divino. O novo corpo etérico da alma de Cristo envolve o campo de vida terrestre em sua totalidade e dá a todos os buscadores sérios a força para continuar no processo de renovação e conduzi-lo ao “bom fim”. A vida de um homem como este, em quem a alma é ressuscitada, entra em uma fase totalmente nova. Os pensamentos, os sentimentos e os atos são inspirados pelo novo campo de vida. Jesus diz: “Eu sou a ressurreição e a vida”. Esta vida depois da ressurreição é a do menino-Deus, do ser que está em ligação direta com o campo de vida divino.

OS SÍMBOLOS TORNAM-SE REALIDADE

O Antigo e o Novo Testamento descrevem a evolução do homem em busca de Deus, desde a primeira fase, da preparação, até a última, da realização. Não é essencial saber se todos estes personagens bíblicos realmente viveram e seguiram a senda ou não. Para quem busca, o importante é seu significado simbólico. Quem busca reconhece sua própria senda e compreende a riqueza destas figuras e narrativas simbólicas. À medida em que ele avança na senda de transfiguração, ele descobre seu significado em vários níveis diferen-

tes, e, se tiver a capacidade de traduzir em atos libertadores o que compreende, então, se aproximará passo a passo de sua sublime finalidade. Ele descobrirá que a Bíblia desenha minuciosamente a senda de sua própria vida, e que ele próprio é um símbolo do ponto de encontro entre Deus e o homem, onde acontece a vitória sobre a matéria.

Do Adão e da Eva decaídos podem ressuscitar o novo Adão e a nova Eva, unidos em um só ser humano, um Adão e uma Eva espirituais. Então, a queda é aniquilada, e o homem está de volta na qualidade de participante do campo de vida divino.

“Naqueles dias, dispondo-se Maria, foi apressadamente à região das montanhas, a uma cidade de Judá, entrou na casa de Zacarias e saudou Isabel” (Lucas, 1: 39 e 40) (Catedral de Freiburg, século XIV, Alemanha).